

SILVANA DO NASCIMENTO SILVA (ORG.)
GLEYDSON DA PAIXÃO TAVARES (ORG.)

**MEMÓRIAS SOCIOAMBIENTAIS DAS
PROFESSORAS E PROFESSORES
PROTAGONISTAS DA DISCIPLINA
EDUCAÇÃO AMBIENTAL 2024.1**

SÃO PAULO | 2024



SILVANA DO NASCIMENTO SILVA (ORG.)
GLEYDSON DA PAIXÃO TAVARES (ORG.)

**MEMÓRIAS SOCIOAMBIENTAIS DAS
PROFESSORAS E PROFESSORES
PROTAGONISTAS DA DISCIPLINA
EDUCAÇÃO AMBIENTAL 2024.1**

SÃO PAULO | 2024



1.^a edição

**MEMÓRIAS SOCIOAMBIENTAIS DAS PROFESSORAS E
PROFESSORES PROTAGONISTAS DA DISCIPLINA
EDUCAÇÃO AMBIENTAL 2024.1**

ISBN 978-65-6054-077-4



ORGANIZADORES

Silvana do Nascimento Silva
Gleydson da Paixão Tavares

REVISOR

Levi Silva Santos

AUTORES

Elane Oliveira Rocha
Eliene Santana Meira Souza
Gleydson da Paixão Tavares
Israel Silva Cruz
Louise Araujo Vieira
Maurício Bruno da Silva Costa
Raviéllen Vieira Barros
Renata Miranda Souza
Sirleide de Jesus Lima Santos
Talita Maria Miranda Santos

MEMÓRIAS SOCIOAMBIENTAIS DAS PROFESSORAS E PROFESSORES PROTAGONISTAS DA DISCIPLINA EDUCAÇÃO AMBIENTAL 2024.1

1.^a edição

SÃO PAULO
EDITORA ARCHE
2024

Copyright © dos autores e das autoras.

Todos os direitos garantidos. Este é um livro publicado em acesso aberto, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que sem fins comerciais e que o trabalho original seja corretamente citado. Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons Internacional (CC BY- NC 4.0).



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

M533 Memórias socioambientais das professoras e professores protagonistas da disciplina educação ambiental 2024.1 [livro eletrônico] / Organizadores Silvana do Nascimento Silva, Gleydson da Paixão Tavares. – São Paulo, SP: Arche, 2024.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-6054-077-4

1. Memórias socioambientais. 2. Educação ambiental. I. Silva, Silvana do Nascimento. II. Tavares, Gleydson da Paixão.

CDD 577.1

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Revista REASE chancelada pela Editora Arche.

São Paulo- SP

Telefone: +55 (11) 94920-0020

<https://periodicorease.pro.br>

contato@periodicorease.pro.br

1ª Edição- *Copyright*© 2024 dos autores.

Direito de edição reservado à Revista REASE.

O conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade do (s) seu(s) respectivo (s) autor (es).

As normas ortográficas, questões gramaticais, sistema de citações e referenciais bibliográficos são prerrogativas de cada autor (es).

Endereço: Av. Brigadeiro Faria de Lima n.º 1.384 – Jardim Paulistano.

CEP: 01452 002 – São Paulo – SP.

Tel.: 55(11) 94920-0020

<https://periodicorease.pro.br/rease>

contato@periodicorease.pro.br

Editora: Dra. Patrícia Ribeiro

Produção gráfica e direção de arte: Ana Cláudia Néri Bastos

Assistente de produção editorial e gráfica: Talita Tainá Pereira Batista

Projeto gráfico: Ana Cláudia Néri Bastos

Ilustrações: Ana Cláudia Néri Bastos e Talita Tainá Pereira Batista

Revisão: Ana Cláudia Néri Bastos e Talita Tainá Pereira Batista

Tratamento de imagens: Ana Cláudia Néri Bastos

EQUIPE DE EDITORES

EDITORA- CHEFE

Dra. Patrícia Ribeiro, Universidade de Coimbra- Portugal

CONSELHO EDITORIAL

Doutorando. Avaetê de Lunetta e Rodrigues Guerra- Universidad del Sol do Paraguai- PY

Me. Victorino Correia Kinhama- Instituto Superior Politécnico do Cuanza Sul-Angola

Me. Andrea Almeida Zamorano- SPSIG

Esp. Ana Cláudia N. Bastos- PUCRS

Dr. Alfredo Oliveira Neto, UERJ, RJ

PhD. Diogo Vianna, IEPA

Dr. José Faijardo- Fundação Getúlio Vargas

PhD. Jussara C. dos Santos, Universidade do Minho

Dra. María V. Albaronedo, Universidad Nacional del Comahue, Argentina

Dra. Uaiana Prates, Universidade de Lisboa, Portugal

Dr. José Benedito R. da Silva, UFSCar, SP

PhD. Pablo Guadarrama González, Universidad Central de Las Villas, Cuba

Dra. Maritza Montero, Universidad Central de Venezuela, Venezuela

Dra. Sandra Moitinho, Universidade de Aveiro-Portugal

Me. Eduardo José Santos, Universidade Federal do Ceará,

Dra. Maria do Socorro Bispo, Instituto Federal do Paraná, IFPR

Cristian Melo, MEC

Dra. Bartira B. Barros, Universidade de Aveiro-Portugal

Me. Roberto S. Maciel- UFBA

Dra. Francisne de Souza, Universidade de Aveiro-Portugal

Dr. Paulo de Andrada Bittencourt - MEC

PhD. Aparecida Ribeiro, UFG

Dra. Maria de Sandes Braga, UFTM

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores se responsabilizam publicamente pelo conteúdo desta obra, garantindo que o mesmo é de autoria própria, assumindo integral responsabilidade diante de terceiros, quer de natureza moral ou patrimonial, em razão de seu conteúdo, declarando que o trabalho é original, livre de plágio acadêmico e que não infringe quaisquer direitos de propriedade intelectual de terceiros. Os autores declaram não haver qualquer interesse comercial ou irregularidade que comprometa a integridade desta obra.

APRESENTAÇÃO

A Disciplina Educação Ambiental (DEA) é um dos componentes curriculares dos Cursos de Mestrado e Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Formação de Professores de Ciências e Matemática (PPG.ECFP), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) .

Esta disciplina tem por objetivo geral delinear as principais interfaces do campo da Educação Ambiental Crítica na formação docente, em que alguns dos objetivos específicos se desprendem, a saber: discutir as mudanças no campo da Educação Ambiental Crítica via documentos oficiais, compreender as interfaces entre Educação Ambiental e Educação do Campo com o Materialismo Histórico - Dialético, compreender as Representações Sociais docentes em Educação Ambiental e ecofeminismo.

A DEA compõe a matriz curricular do PPG.ECFP, desde o ano de 2015, como disciplina eletiva com carga horária de 30h, contendo a seguinte ementa: estudo da relação sociedade-natureza, a partir de debates sobre o ambientalismo; Educação e Ensino de Ciências; Reflexão sobre o processo de institucionalização da Educação Ambiental no Brasil; Debate sobre as principais tendências e políticas públicas; espaço formal e não formal em Educação

Ambiental; e, necessidades formativas das professoras e dos professores para atuação crítica, reflexiva e transformadora no campo ambiental.

Ao longo das nove turmas, (2015, 2016, 2017, 2019, 2020, 2021, 2022, 2023 e 2024), que fizeram a DEA acontecer, foram materializadas várias estratégias, parcerias e debates. Uma parceria profícua é com o Grupo de Pesquisa em Educação Ambiental e Formação de Professores (GPEA-FP) que, ao longo do oferecimento da disciplina, tem participado, com frequência, socializando as pesquisas desenvolvidas pelo grupo.

Nessa direção, caminhamos fortalecendo o desenho que tal disciplina atingiu. Sendo assim, em 2024, nasceu a metodologia de trabalho “Memórias socioambientais” em que as professoras matriculadas e professores matriculados na DEA apresentaram sua relação com o ambiente.

Neste E-book, os leitores e leitoras terão a oportunidade de ler relatos socializados na disciplina, que resgatam a infância, o trabalho profissional, a relação com pesquisas em desenvolvimento produzidas pelos autores e autoras, retratando memórias adormecidas ao longo da travessia dessas e desses profissionais em formação continuada, em que a Educação Ambiental, de algum modo, esteve presente no caminhar, enquanto pessoas e

profissionais.

Um resgate que ultrapassa as várias identidades da Educação Ambiental, talvez a proporcionar um repensar da prática docente e do ser natural e social que somos. Assim, em meio à crise socioambiental que vivenciamos, que tem origem na economia, política, saúde, cultura... causada por esse modelo de sociedade vigente, pautada na espoliação da natureza, na exploração do ser humano, nos desregramentos das leis ambientais, na invasão das reservas dos povos originários, no racismo ambiental... metodologias pautadas no resgate à memória socioambiental possibilita o conhecimento de nós mesmos e dos outros.

Nós, da DEA 2024.1, desejamos que a leitura deste E-book possa fomentar também o repensar do leitor e da leitora sobre a sua forma de ser, ver, pertencer e se identificar com o ambiente.

Boa leitura!

Profa. Dra. Silvana do Nascimento Silva

Docente idealizadora e ministrante da DEA

SUMÁRIO

O MEIO ONDE VIVO E CONVIVO	12
MEMÓRIAS SOCIOAMBIENTAIS: PESSOAIS E PROFISSIONAIS NA EDUCAÇÃO DO CAMPO	24
A INVISIBILIDADE DAS MULHERES TRANSEXUAIS E TRAVESTITIS: UMA ANÁLISE SOCIOAMBIENTAL	36
O TECER DA NATUREZA À MINHA ESSÊNCIA	44
MEMÓRIAS DE UM QUINTAL VERDE: MINHA JORNADA NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL	54
O QUANTO SUAS EXPERIÊNCIAS TE DEFINEM?	64
“SALVE OS PIONEIROS QUE UM DIA CHEGARAM E QUE PLANTARAM OS TEUS CACAUAIS”: PRÁTICAS DE RESGATE E VALORIZAÇÃO AMBIENTAL NO CETEP MÉDIO RIO DAS CONTAS	76
SANKOFA: MEMÓRIAS ANCESTRAIS PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL EMANCIPATÓRIA	88
AUTO BIOGRAFIA: RELAÇÃO COM O MEIO AMBIENTE NATURAL	100
O DIREITO À MEMÓRIA: A COMPREENSÃO SUBJETIVA DOS OBJETOS EM CONTEXTO DE DESASTRES CLIMÁTICOS	112
ÍNDICE REMISSIVO	121

O MEIO ONDE VIVO E CONVIVO

Elane Oliveira Rocha



Fonte: Acervo da autora.

O MEIO ONDE VIVO E CONVIVO

O texto trata-se de um relato de experiência que teve origem a partir de uma das propostas de atividades na disciplina Educação Ambiental, ministrada pela Professora Doutora Silvana do Nascimento Silva, no Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Formação de Professores (PPG-ECFP), no primeiro semestre do ano de 2024. Foi proposto pela docente a elaboração de uma autobiografia socioambiental para compartilhar nossas vivências durante as aulas, ficando o método de explanação a critério dos discentes, tornando assim a atividade mais dinâmica e flexível. Em minha apresentação, optei pelo uso de slides, no qual trouxe fotografias acompanhadas por estrofes musicais, apresentando um diálogo desses elementos com as minhas memórias, no intuito de transmitir um pouco da relação que tenho com a natureza diariamente. Primeiro apresento uma breve descrição da minha trajetória acadêmica: sou graduada em Licenciatura em Matemática com Enfoque em Informática pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB); a meu ver, a

escolha por esta formação diz muito sobre meu perfil e a forma que vejo e interajo com o meio em que habito. Fui bolsista durante um ano no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) interdisciplinar Educação do Campo, na época coordenado também pela professora ministrante desta disciplina, no qual, dessa experiência, tive um despertar crítico e passei a visualizar além do que a mídias traziam. Hoje percebo que as mídias não abordam todas as questões que perpassam a população campesina, a exemplo temos: os impactos negativos do Agronegócio em geral que as telas da televisão não abordam; a importância do apoio ao pequeno agricultor no cultivo e alimentação saudável; a necessidade de um currículo escolar contextualizado, pensado para a realidade campesina, que busque trabalhar a percepção crítica dos educandos e a valorização de sua cultura, contribuindo para a formação de sujeitos que lutem pela melhoria do ambiente onde vivem, rompendo com o pensamento equivocado de que viver no campo é algo negativo que simboliza atraso, cuja melhor solução é ir embora para a zona urbana (Arroyo; Caldart; Molina, 2004). De maneira descritiva, discorro minha autobiografia socioambiental, na qual apresento alguns detalhes da minha relação com a natureza no

ambiente onde, no atual momento da minha vida, passo a maior parte do meu tempo, sendo a casa dos meus pais; nela também mora as minhas duas irmãs e meu sobrinho. Desse tópico trago uma ênfase aos desafios do convívio cotidiano com outras pessoas, que no meu ponto de vista é algo muito complexo, requer sabedoria, respeito e compreensão por todas as partes, uma vez que, uma simples falha em termos de comunicação ou interpretação da mensagem transmitida pode gerar conflitos, fora outras variáveis. Sobre as características do imóvel, é uma casa simples, de laje, com dois andares, e sem quintal, localizada em um bairro periférico na cidade de Jequié, no estado da Bahia; nesse local as ruas são calçadas ou asfaltadas, com poucas vegetações. Em meio a todo esse cenário urbano, ainda assim consigo me conectar com a natureza de uma forma bem sutil. Um fator característico das ruas do bairro onde moro é a movimentação constante, gerando diferentes manifestações sonoras, que causam um desconforto em situações que requer um nível elevado de concentração. Sendo assim, tenho aquele meu cantinho, que além de me proporcionar esta calma, também me traz uma bela vista, com diversas plantas em caqueiros, localizado no segundo andar da casa. Em virtude disso, trago em

minhas lembranças que nesse espaço, durante os estudos na graduação, o excesso de informações a serem conectadas no processo de construção dos saberes exigidos pelas disciplinas curriculares gerava em mim uma grande exaustão psicológica, e nesses momentos de tensões, a válvula de escape era justamente olhar para a minha tela de descanso logo à frente; admirar as plantas, os pássaros, era terapêutico para mim, me revigorava, era uma pausa necessária para que eu pudesse retornar às tarefas acadêmicas. Prosseguindo para os demais cômodos da casa, nos deparamos com variadas plantas dentro de caqueiros, na janela da varanda. Em dias chuvosos que estou em casa, costumo me sentar no degrau da escada ao lado, com uma xícara de café e ficar a admirar o cenário em conjunto ao som da chuva, e desse movimento me vem grandes reflexões e lembranças. E, por fim, não poderia me esquecer dos meus três jabutis e dois periquitos, que me ensinam diariamente a importância do cuidado e da responsabilidade com as demais espécies vivas. Este exercício de busca e autorreflexão foi algo fantástico para mim, o qual me levou a visualizar elementos presentes no meu cotidiano que até então não tinha notado. Após essa experiência, passei a observar melhor os ambientes onde

frequente e como me socializo. Em termos de autoconhecimento, com base em referenciais da Educação Ambiental (Silva; El_Hanni, 2014), percebo que ainda tenho muito das características conservadoras e pragmáticas, e que o meu pensamento crítico está em um processo de construção, havendo ainda um longo caminho a percorrer. Assim, a disciplina e a maneira como foi conduzida pela docente, provocou inquietações que me levou a pensar fora da caixa e começar a visualizar as questões socioambientais por um viés mais crítico.

Palavras-chave: Ambiente. Autobiografia. Autorreflexão.

THE ENVIRONMENT WHERE I LIVE AND SOCIALIZE

The text is an experience report that originated from one of the proposed activities in the subject Environmental Education, taught by Professor Silvana do Nascimento Silva, in the Postgraduate Program in Science Education and Teacher Training (PPG-ECFP), in the first semester of 2024. The teacher proposed that we write a socio-environmental autobiography to share our experiences during the classes, leaving the method of explanation up to the students, thus making the activity more dynamic and flexible. In my presentation, I opted to use slides, in which I brought photographs accompanied by musical stanzas, presenting a dialog of these elements with my memories, in order to convey a little of the relationship I have with nature on a daily basis. First, I'll give you a brief description of my academic career: I have a degree in Mathematics with a focus on Computer Science from the State University of Southwest Bahia (UESB); in my opinion, choosing this degree says a lot about my profile and the way I see and interact with the environment I live in. I was a scholarship holder for a year in the Institutional Teaching Initiation Scholarship Program (PIBID)

interdisciplinary Field Education, at the time also coordinated by the teacher of this subject, in which, from this experience, I had a critical awakening and began to see beyond what the media brought. Today I realize that the media does not address all the issues that affect the peasant population: the negative impacts of agribusiness in general that television screens don't address; the importance of supporting small farmers in growing crops and eating healthy food; the need for a contextualized school curriculum, designed for the peasant reality, which seeks to work on the critical perception of students and the appreciation of their culture, contributing to the formation of subjects who fight for the improvement of the environment where they live, breaking with the mistaken thought that living in the countryside is something negative that symbolizes backwardness, whose best solution is to leave for the urban area (Arroyo; Caldart; Molina, 2004). Descriptively, I present my socio-environmental autobiography, in which I give some details of my relationship with nature in the environment where I spend most of my time at the moment, which is my parents' house, where my two sisters and my nephew also live. This topic emphasizes the challenges of living with other people on a daily basis, which in my

view is very complex and requires wisdom, respect and understanding on all sides, since a simple failure in terms of communication or interpretation of the message conveyed can lead to conflicts, among other variables. Regarding the characteristics of the property, it's a simple, two-storey house with a slab and no yard, located in a peripheral neighborhood in the city of Jequié in the state of Bahia; in this place the streets are paved or asphalted, with little vegetation. In the midst of all this urban scenery, I still manage to connect with nature in a very subtle way. A characteristic factor of the streets in the neighborhood where I live is the constant movement, generating different sound manifestations that cause discomfort in situations that require a high level of concentration. So I have my own little corner, which as well as providing me with this calm, also offers me a beautiful view, with various plants in containers, located on the second floor of the house. Because of this, I remember that in this space, during my undergraduate studies, the excess of information to be connected in the process of constructing the knowledge required by the curricular subjects generated a great deal of psychological exhaustion in me, and in these moments of tension, the escape valve was precisely to look at my resting screen

just ahead; admiring the plants, the birds, was therapeutic for me, it invigorated me, it was a necessary break so that I could return to my academic tasks. Moving on to the other rooms in the house, we came across a variety of plants inside the pots in the balcony window. On rainy days when I'm at home, I usually sit on the steps next to the house with a cup of coffee and admire the scenery together to the sound of the rain, and from this movement come great reflections and memories. And finally, I couldn't forget my three tortoises and two parakeets, who teach me every day the importance of care and responsibility towards other living species. This exercise in searching and self-reflection was fantastic for me, as it led me to visualize elements in my daily life that I hadn't noticed until then. After this experience, I began to better observe the environments I frequent and the way I socialize. In terms of self-knowledge, based on references from Environmental Education (Silva; El_Hanni, 2014), I realize that I still have a lot of conservative and pragmatic characteristics, and that my critical thinking is in the process of being built, with a long way to go. Thus, the course and the way it was conducted by the teacher provoked questions that led me to think outside the box and begin to view

socio-environmental issues through a more critical lens.

Keywords: Environment. Autobiography. Self-reflection.

REFERÊNCIAS

ARROYO, M. G.; CALDART, R. S.; MOLINA, M. C. (Orgs). **Por uma Educação do Campo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

SILVA, S. N; EL_HANNI, C. A abordagem do tema ambiente e a formação do cidadão socioambientalmente responsável. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, v.14, n.2, p.225-234, 2014.

MEMÓRIAS SOCIOAMBIENTAIS: PESSOAIS E PROFISSIONAIS NA EDUCAÇÃO DO CAMPO

Eliene Santana Meira Souza



Fonte: Acervo da autora.

MEMÓRIAS SOCIOAMBIENTAIS: PESSOAS E PROFISSIONAIS NA EDUCAÇÃO DO CAMPO

O progresso e a prática da Educação Ambiental (EA) no Brasil sempre encontraram graves problemas estruturais, fragilizando assim a formação docente e, conseqüentemente, o desenvolvimento de uma aprendizagem e de um ensino críticos-reflexivos pautados nas práticas educativas ambientais nas escolas. Isso explicita as ações neoliberais na educação, com um contorno de uma prática educativa inclusiva, que, na verdade, inclui as intenções de uma sociedade que limita o conhecimento a fim de manter os cidadãos alienados e limitados quanto ao seu posicionamento sócio crítico. Assim, há de se recobrar que tal componente, dentro do âmbito estrutural educacional, ficou fora do alinhamento teórico prático dos professores. Ou seja, a discussão não adentrou como um norte na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), foi apenas inserido como um tema transversal, inferindo os temas: *sustentável* e *sustentabilidade*, o que indica uma orientação para uma educação neoliberal, incutida em um propósito que vai de encontro a uma educação emancipatória. Para tanto, deve-se destacar que ao se

discutir ou abordar questões que envolvem a relação sociedade-natureza-humano a partir do espaço escolar, não se deve diferenciar o contexto ambiental ancorando-se nos aspectos sociais, econômicos, políticos, culturais, éticos, dentre outros que pertencem ao contexto (Silva; Loureiro, 2019, p. 5). Percebendo as necessidades formativas dos mestrandos e doutorandos do Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Formação de Professores (PPGECFP) na disciplina *Educação Ambiental* de 2024.1, para atuação crítica, reflexiva e transformadora no campo ambiental, a professora Dr^a. Silvana do Nascimento Silva trouxe para suas aulas as principais tendências, políticas públicas, espaço formal e não formal em Educação Ambiental, estudo da relação sociedade-natureza a partir de debates sobre o Ambientalismo, Educação e Ensino de Ciências, Reflexão sobre o processo de institucionalização deste componente no Brasil. À vista disso, no processo de formação docente, foram discutidas as mudanças nos documentos oficiais, levando os discentes a refletirem e a compreenderem as interfaces entre educação ambiental e educação do campo, destacando as possibilidades e limitações desta, no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência/PIBID e

na Residência Pedagógica. As aulas e a avaliação aconteceram de forma dinâmica e prazerosa, pois o trato metodológico do assunto e a criatividade tomou o espaço na sala de aula, onde cada discente se sentiu disposto a participar, frequentar as aulas, apresentar seminários autobiográficos e socioambientais, ressignificando e usando a estratégia que achasse conveniente para apresentá-las. Portanto, de forma poética, através de um cordel de minha autoria, apresentei as minhas Memórias Socioambientais: Pessoais e Profissionais na Educação do Campo, por meio das quais, narrei experiências que refletem uma grande diversidade de contextos, situações, outros aspectos significativos, condições socioculturais, políticas, familiares por mim percebidas. Desta forma, mostrei a evidência da dinâmica da interação entre essas experiências, pois, como Brito, Alvarenga e Queiroz (2023), eu também compreendo que há em todo o relato a presença de ligações biopsicossociais com situações, coisas, lugares e pessoas. Essas ligações se dão, impreterivelmente, entre os acontecimentos materiais e psíquicos da minha vida, em dimensões tanto individuais quanto coletivas. Sou filha dos agricultores Antônio dos Santos Alves Meira e Maria Santana, ambos (*in memoriam*), que, pela falta de oportunidades e

circunstâncias eram analfabetos, porém, minha mãe foi uma mulher que sempre acreditou no poder transformador da Educação e incentivava a mim e aos meus irmãos a estudar. Cursei a primeira e segunda séries na Educação do Campo na Escola Rural de Ipiúna – Distrito pertencente à cidade de Jaguaquara, em turmas multisseriadas com professoras leigas. Anos depois, fui estudar no Colégio Estadual Pio XII, onde concluí o curso de Magistério no ano de 1991; depois retornei para a Escola Rural de Ipiúna para lecionar nos anos iniciais e, por um contínuo processo, lecionar em turmas multisseriadas. Neste trajeto, pude perceber o quanto o processo de ensino e de aprendizagem requer dedicação, estudo e superação dos desafios frente a uma realidade que historicamente é/foi desvalorizada. Isto posto, devo salientar que o processo de formação continuada que a mim foi concedido, através do programa de mestrado supracitado, trouxe à luz a minha trajetória profissional, mas também pessoal, já que esta encontra-se ligada às memórias socioafetivas do meu percurso escolar como estudante e como educadora, elencando as abordagens teórico-metodológicas às recordações da minha práxis docente, onde pude perceber os avanços e limitações constituídos por instrumentos dados e

reestruturados por mim em sala de aula, atentando-me ao que a Educação Ambiental e também a Educação do Campo podem construir transdisciplinarmente dentro de aparatos metodológicos críticos sob uma visão do passado e do presente.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Formação Continuada. Memórias.

SOCIO-ENVIRONMENTAL MEMORIES: PERSONAL AND PROFESSIONAL IN FIELD EDUCATION

The progress and practice of Environmental Education (EE) in Brazil has always encountered serious structural problems, thus weakening teacher training and, consequently, the development of critical-reflective learning and teaching based on environmental educational practices in schools. This makes neoliberal actions in education explicit, with an outline of an inclusive educational practice, which in fact includes the intentions of a society that limits knowledge in order to keep citizens alienated and limited in their socio-critical positioning. Thus, it must be remembered that this component, within the educational structural framework, has been left out of the teachers' theoretical-practical alignment. In other words, the discussion was not included as a guideline in the National Common Curricular Base (BNCC), it was only included as a cross-cutting theme, inferring the themes: sustainable and sustainability, which indicates an orientation towards neoliberal education, instilled with a purpose that runs counter to emancipatory education. To this end, it should be emphasized that

when discussing or addressing issues involving the society-nature-human relationship from the school space, the environmental context should not be differentiated by anchoring on the social, economic, political, cultural, ethical aspects, among others that belong to the context (Silva; Loureiro, 2019, p. 5). Realizing the training needs of the master's and doctoral students of the Postgraduate Program in Science Education and Teacher Training (PPGECFP) in the Environmental Education discipline of 2024.1, for critical, reflective and transformative action in the environmental field, Professor Dr. Silvana do Nascimento Silva brought to her classes the main trends, public policies, formal and non-formal space in Environmental Education, study of the society-nature relationship based on debates on Environmentalism, Education and Science Teaching, Reflection on the process of institutionalization of this component in Brazil. In view of this, in the teacher training process, the changes in official documents were discussed, leading students to reflect on and understand the interfaces between environmental education and rural education, highlighting the possibilities and limitations of the latter, in the Institutional Program for Teaching Initiation

Scholarships/PIBID and in the Pedagogical Residency. The classes and the assessment took place in a dynamic and enjoyable way, because the methodological treatment of the subject and creativity took over the classroom, where each student felt willing to participate, attend classes, present autobiographical and socio-environmental seminars, re-signifying and using the strategy they saw fit to present them. Therefore, in poetic form, through a cordel of my own, I presented my Socio-environmental Memories: Personal and Professional in Rural Education, through which I narrated experiences that reflect a great diversity of contexts, situations, other significant aspects, socio-cultural, political and family conditions that I perceived. In this way, I showed evidence of the dynamic interaction between these experiences, because, like Brito, Alvarenga and Queiroz (2023), I also understand that there are biopsychosocial connections with situations, things, places and people in every account. These links occur, of course, between the material and psychological events of my life, in both individual and collective dimensions. I am the daughter of farmers Antônio dos Santos Alves Meira and Maria Santana, both (in memoriam), who, due to lack of opportunities and circumstances, were illiterate, but

my mother was a woman who always believed in the transformative power of education and encouraged me and my siblings to study. I studied first and second grade in Rural Education at the Rural School of Ipiúna - a district belonging to the city of Jaguaquara, in multi-grade classes with lay teachers. Years later, I went to study at the Pio XII State College, where I finished my teaching degree in 1991; I then returned to the Ipiúna Rural School to teach in the early years and, through a continuous process, to teach in multigrade classes. Along the way, I realized how much the teaching and learning process requires dedication, study and overcoming challenges in the face of a reality that has historically been devalued. Having said that, I must point out that the process of continuing education that I was given through the aforementioned master's program brought to light my professional trajectory, but also my personal one, since it is linked to the socio-affective memories of my school career as a student and as an educator, linking the theoretical-methodological approaches to the memories of my teaching practice, where I was able to see the advances and limitations constituted by the instruments I gave and restructured in the classroom, paying attention to what

Environmental Education and also Countryside Education can build transdisciplinarily within critical methodological apparatuses under a vision of the past and the present.

Keywords: Environmental education. Continuing education. Memories.

REFERÊNCIAS

BRITO, Deise de A.P.; ALVARENGA, Juliana G. De M.; QUEIROZ, Mariana G. De M. **Memoriais de vida e formação das educadoras da UMEI Dr. Paulo César de Almeida Pimentel**: caminhos de si, caminhos da docência. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023.

SILVA, Silvana do Nascimento; LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. O sequestro da Educação Ambiental na BNCC (Educação Infantil - Ensino Fundamental): os temas Sustentabilidade/Sustentável a partir da Agenda 2030. *In: XII ENPEC*, 2019, Natal. XII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências. XII ENPEC, 2019. p. 1-7. Disponível em: https://abrapecnet.org.br/enpec/xiienpec/anais/lista_area_05_1.htm.

A INVISIBILIDADE DAS MULHERES TRANSEXUAIS E TRAVESTIS: UMA ANÁLISE SOCIOAMBIENTAL

Gleydson da Paixão Tavares



Fonte: Acervo do autor.

A INVISIBILIDADE DAS MULHERES TRANSEXUAIS E TRAVESTIS: UMA ANÁLISE SOCIOAMBIENTAL

Pensar Educação Ambiental na perspectiva crítica é pensar para além da perspectiva naturalista e conservacionista. É compreender que o ambiente é também social, e é composto por uma diversidade de grupos que estabelecem relações entre si e a natureza. A autora Silva (2022, p. 17) à luz dos teóricos Layrargues, 2004; Loureiro, 2004 e Guimarães, 2004 evidencia que a EA crítica, emancipatória ou transformadora se preocupa com a problematização das questões socioambientais relacionada “aos aspectos sociais, políticos, econômicos, éticos, democráticos, educacionais etc., na busca por sociedades mais justas e equânimes”. Ante o exposto e considerando a proposta de trabalho desenvolvida durante a realização da disciplina Educação Ambiental, com o objetivo de relatarmos as nossas memórias socioambientais, trouxe uma reflexão sobre um dos grupos sociais “minoritários” mais marginalizados pela sociedade que estão incluídos no grupo LGBTQIAPN+: as mulheres transexuais e travestis. Quando falamos em uma sociedade “mais justa e equânime”, estamos falando em emancipação, cidadania, dignidade, humanização,

democracia, justiça e direitos humanos. Mas, será que as mulheres trans/travestis são respeitadas e visibilizadas em nossa sociedade? Será que ocupam os espaços sociais dignamente, a exemplo de escolas, empresas, na política, bem como nos ambientes das próprias famílias? De acordo com Tavares (2022, p. 2), as pessoas que vivem as experiências transexuais e travestis “expressam mais uma construção identitária diante das múltiplas possibilidades de experienciar as diversidades sexuais e de gênero para além do padrão hegemônico heteronormativo e cisgênero”. Ainda para o autor, “A transexualidade e a travestilidade borram e subvertem às normas e padrões impostos pela sociedade e, por isso, as pessoas que vivem essas experiências ‘discordantes’ são vistas, por exemplo, como seres estranhos, abjetos, anormais e aberrações da natureza”. Esse grupo minoritário é exposto a múltiplas violências nos espaços sociais, seja nas vias públicas, no trabalho, em casa e até mesmo nos contextos escolares. As violências e a opressão se apresentam nas diversas dimensões, desde a física à psíquica. As mulheres transexuais e travestis estão expostas a uma situação de vulnerabilidade, o que as impede de exercer a cidadania em sua plenitude e de reivindicar direitos naturalmente assegurados para a

grande parcela da população. Nesse sentido, ao pensarmos em uma Educação Socioambiental na perspectiva crítica, temos que levar em consideração para além do equilíbrio ambiental, o equilíbrio social, em que deve ser assegurado o direito a todos e todas, sem distinção, de exercer a cidadania plena.

Palavras-chave: Direitos Humanos. Educação Socioambiental. Transexuais e Travestis.

THE INVISIBILITY OF TRANSGENDER WOMEN AND TRANSVESTITES: A SOCIO-ENVIRONMENTAL ANALYSIS

Thinking about environmental education from a critical perspective means thinking beyond the naturalist and conservationist perspective. It means understanding that the environment is also social, and that it is made up of a diversity of groups that establish relationships between themselves and nature. The author Silva (2022, p. 17), in the light of the theorists Layrargues, 2004; Loureiro, 2004 and Guimarães, 2004, points out that critical, emancipatory or transformative environmental education is concerned with the problematization of socio-environmental issues related to "social, political, economic, ethical, democratic, educational, etc. aspects, in the search for fairer and more equitable societies". In view of the above and considering the work proposal developed during the course of Environmental Education, with the aim of reporting on our socio-environmental memories, I brought up a reflection on one of the "minority" social groups most marginalized by society and which are included in the LGBTQIAPN+ group: transsexual women and transvestites. When

we talk about a "fairer and more equitable" society, we are talking about emancipation, citizenship, dignity, humanization, democracy, justice and human rights. But are trans women and transvestites respected and made visible in our society? Do they occupy social spaces with dignity, such as schools, companies, in politics, as well as in their own families? According to Tavares (2022, p. 2), people who live transsexual and transvestite experiences "express yet another identity construction in the face of the multiple possibilities of experiencing sexual and gender diversity beyond the hegemonic heteronormative and cisgender standard". According to the author, "transsexuality and transvestitism blur and subvert the norms and standards imposed by society and, for this reason, people who live these 'discordant' experiences are seen, for example, as strange, abject, abnormal beings and freaks of nature". This minority group is exposed to multiple forms of violence in social spaces, whether on public roads, at work, at home or even in school contexts. Violence and oppression come in many forms, from the physical to the psychological. Transsexual women and transvestites are exposed to a situation of vulnerability, which prevents them from exercising

their full citizenship and claiming rights that are naturally guaranteed to a large portion of the population. In this sense, when we think about Socio-Environmental Education from a critical perspective, we have to take into account not only the environmental balance, but also the social balance, in which the right to exercise full citizenship must be guaranteed to all, without distinction.

Keywords: Human rights. Socio-environmental education. Transsexuals and Transvestites.

REFERÊNCIAS

SILVA, Silvana do Nascimento. Em busca de uma educação ambiental para o século XXI: alternâncias, tendências e movimentos. *In*: BOTÊLHO, Lucas Antônio Viana; SANTOS, Francisco Kennedy Silva; SANTOS, Mateus Ferreira. (Orgs.). **Tecendo a educação ambiental no século XXI: ensaios e experiência**. 1. ed. Recife: Edições Legep/UFPE, 2022, cap. 2, p. 15-22.

TAVARES, Gleydson da Paixão. Mulheres transexuais/travestis: a vulnerabilidade educacional nas instituições de ensino. **Revista Cocar**, v.16, n. 34, 2022, p.1-17. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/5041>. Disponível em: 01 abr. 2024.

O TECER DA NATUREZA À MINHA ESSÊNCIA

Israel Silva Cruz



Fonte: Domínio público.

O TECER DA NATUREZA À MINHA ESSÊNCIA

Na Disciplina de Educação Ambiental (DEA), discutimos uma variedade de tópicos importantes relacionados aos desafios ambientais contemporâneos. Essas discussões englobaram as interações entre a sociedade e a natureza, o movimento ambientalista, políticas públicas e como a Educação Ambiental (EA) é integrada ao sistema educacional. Além disso, a DEA possibilitou a reflexão do nosso papel enquanto agentes de mudança mais críticos e reflexivos no meio ambiente. Afinal, a conexão com o meio ambiente também desempenha um papel importante na formação da identidade pessoal, promovendo uma compreensão mais profunda da relação entre cultura e ambiente e fortalecendo a identidade pessoal e comunitária (Jacobi, 2003). Assim, a EA desempenha um papel crucial na formação da identidade pessoal, moldando a maneira como indivíduos percebem e interagem com o mundo ao seu redor (Fernandes, 2006). Nas aulas da DEA sempre procuramos discutir a Educação Ambiental Crítica (EAC), a qual

representa uma evolução em relação à abordagem tradicional da EA, que se restringia à transmissão de conhecimentos e habilidades para a preservação ambiental (Teixeira, 2023). Em contrapartida, a EAC busca uma compreensão mais ampla das interações entre seres humanos, natureza e sociedade, com o objetivo de promover uma transformação nas práticas e valores que impactam o meio ambiente. Essa abordagem se destaca por sua visão crítica e emancipatória, que procura transcender a perspectiva conservacionista e tecnocrática da EA (Mattos, 2021). É nessa perspectiva que a DEA contribuiu para a minha formação. Ela possibilitou não apenas entender os impactos das minhas escolhas e comportamentos no ecossistema, mas a refletir criticamente sobre os aspectos sociais, étnicos e inclusivos relacionados aos problemas ambientais. A partir das aulas da DEA, pude perceber a poderosa influência do meio ambiente na formação da minha identidade pessoal. Ela me fez voltar no tempo e pensar sobre qual a minha relação com o meio ambiente. Fazer tal relação não foi fácil; por várias vezes me perguntei “por onde devo começar?”. Ora, pelo começo! Sim, esse parece ser o caminho mais simples a se seguir, mas onde é o começo? Será que é preciso ter um começo? Um fim?

Como a pintura de Paul Gauguin me questionei: “De onde viemos? O que somos? Para onde vamos?”. Todos esses questionamentos ressoaram como um emaranhado de fios que fui tecendo, sem começo. Desde a infância, fui imerso em um ambiente natural, rico e diversificado. Lembro de um tempo em que as casas da rua em que eu morava eram todas diferentes. Cada uma com uma cor, umas com batente na frente da casa, outras sem; algumas com muros, outras com cercas, cada uma com suas características, mas todas com gente. Pude ver esse bairro crescer e se transformar em uma floresta de pedras, onde as casas já não tinham mais cercas, batentes e cores, eram todas com muros altos e cinzas. A presença constante de minha mãe, uma figura inspiradora que valorizava a beleza e a serenidade da natureza, deixou uma marca indelével em mim. As histórias contadas por ela sobre a vida difícil e a resiliência frente às adversidades moldaram a minha percepção do mundo e a relação com o ambiente que me cercava. Como herança dessa mulher, aprendi a valorizar a beleza e a serenidade das pequenas coisas e da natureza que me cerca. Cada amanhecer é uma nova oportunidade, e cada pôr do sol, uma promessa de um dia melhor. Como diria Chico Buarque em sua Canção, “amanhã vai ser outro dia”. Mesmo

diante dos desafios e limitações de crescer em uma cidade pequena, encontrei na natureza uma fonte de inspiração e um refúgio. Hoje, me vejo como um rio, um símbolo da minha jornada turbulenta e serena ao mesmo tempo. Minha identidade foi e é moldada pela interação constante com o meio ambiente, que me proporciona tanto desafios quanto confortos. Essa conexão com a natureza não apenas enriqueceu a minha vida pessoal, mas também me impulsionou a se tornar uma voz ativa. Assim, a DEA me possibilitou reconhecer a importância vital do meio ambiente na minha vida. Comecei a disciplina fazendo-me algumas perguntas, e para finalizá-la não poderia ser diferente. A pergunta que me faço nesse momento é: por onde vai esse rio? Ainda não conheço todo o seu percurso, mas é certo que irei para o mar.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Afeto. Memórias.

THE WEAVING OF NATURE INTO MY ESSENCE

In the Environmental Education Discipline (DEA), we discussed a variety of important topics related to contemporary environmental challenges. These discussions encompassed the interactions between society and nature, the environmental movement, public policies and how Environmental Education (EE) is integrated into the educational system. In addition, DEA enabled us to reflect on our role as more critical and reflective agents of change in the environment. After all, the connection with the environment also plays an important role in the formation of personal identity, promoting a deeper understanding of the relationship between culture and the environment and strengthening personal and community identity (Jacobi, 2003). Thus, environmental education plays a crucial role in the formation of personal identity, shaping the way individuals perceive and interact with the world around them (Fernandes, 2006). In DEA classes, we always try to discuss Critical Environmental Education (CAT), which represents an evolution in relation to the traditional approach to EE, which was restricted to

the transmission of knowledge and skills for environmental preservation (Teixeira, 2023). In contrast, CAT seeks a broader understanding of the interactions between human beings, nature and society, with the aim of promoting a transformation in the practices and values that impact the environment. This approach stands out for its critical and emancipatory vision, which seeks to transcend the conservationist and technocratic perspective of environmental education (Mattos, 2021). It is from this perspective that DEA has contributed to my education. It enabled me not only to understand the impacts of my choices and behaviors on the ecosystem, but also to critically reflect on the social, ethnic and inclusive aspects related to environmental problems. From the DEA classes, I was able to realize the powerful influence of the environment on the formation of my personal identity. It made me go back in time and think about my relationship with the environment. Making this connection wasn't easy; several times I asked myself "where should I start?". Well, the beginning! Yes, that seems like the simplest way to go, but where is the beginning? Is it necessary to have a beginning? An end? Like Paul Gauguin's painting, I asked myself: "Where did we come from? What are we?"

Where are we going?". All these questions resonated like a tangle of threads I was weaving, without a beginning. Since childhood, I have been immersed in a rich and diverse natural environment. I remember a time when the houses in the street where I lived were all different. Each one was a different color, some had a front door, others didn't; some had walls, others fences, each with its own characteristics, but all with people. I saw this neighborhood grow and transform into a forest of stones, where the houses no longer had fences, door frames or colors, they were all high-walled and gray. The constant presence of my mother, an inspiring figure who valued the beauty and serenity of nature, left an indelible mark on me. The stories she told me about her difficult life and her resilience in the face of adversity shaped my perception of the world and my relationship with my surroundings. As a legacy of this woman, I have learned to value the beauty and serenity of the little things and nature that surround me. Every sunrise is a new opportunity and every sunset a promise of a better day. As Chico Buarque would say in his song, "tomorrow will be another day". Even faced with the challenges and limitations of growing up in a small town, I found in nature a source of inspiration and a refuge. Today, I see myself as a

river, a symbol of my turbulent and serene journey at the same time. My identity was and is shaped by my constant interaction with the environment, which provides me with both challenges and comforts. This connection with nature has not only enriched my personal life, but also pushed me to become an active voice. Thus, DEA enabled me to recognize the vital importance of the environment in my life. I started the course by asking myself a few questions, and I couldn't have asked myself any different at the end. The question I'm asking myself right now is: where does this river go? I don't yet know its entire course, but it's certain that I'll be heading for the sea.

Keywords: Environmental education. Affect. Memories.

REFERÊNCIAS

FERNANDES, K. R.; ZANELLI, J. C. O processo de construção e reconstrução das identidades dos indivíduos nas organizações. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 10, n. 1, p. 55–72, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1415-65552006000100004>. Acesso em: 20 mai. 2024.

JACOBI, P. Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade. **Cadernos de Pesquisa**, n. 118, p. 189–206, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742003000100008>. Acesso em: 20 mai. 2024.

MATTOS, L. M. A. de; GOMES, M. M. Meio ambiente como um valor cosmopolita: uma análise sócio-histórica comparada no currículo escolar de biologia. **Educação e Pesquisa**, v. 47, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202147230058>. Acesso em: 20 mai. 2024.

TEIXEIRA, J. de O. **Educação ambiental crítica em espaços formais**: um estudo sobre o uso do cinema ambiental nas escolas públicas municipais de Dourados/MS. 2023. Dissertação (Mestrado em Fronteiras e Direitos Humanos) – Universidade Federal da Grande Dourados, Faculdade de Direito e Relações Internacionais, Mato Grosso do Sul, 2023. Disponível em: <http://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/handle/prefix/5439>. Acesso em: 20 mai. 2024.

MEMÓRIAS DE UM QUINTAL VERDE: MINHA JORNADA NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Louise Araujo Vieira



Fonte: Acervo da autora.

MEMÓRIAS DE UM QUINTAL VERDE: MINHA JORNADA NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Desde a infância, fui ensinada pelo meu pai a cuidar do ambiente. Através dele aprendi sobre reciclagem e tive contato com a natureza em viagens para cachoeiras e praias. Em casa, ele mantinha uma horta e árvores frutíferas, despertando minha percepção ambiental. A educação ambiental que recebi na escola foi limitada a noções básicas como não poluir ou como cuidar dos animais. Loureiro (2007) destaca que a expansão de conhecimentos e a percepção do ambiente são fundamentais à realização humana, mas o processo educativo está ligado a contextos específicos e estruturas sociais históricas, não se resumindo apenas a conhecer para ter consciência, mas a compreender inserido no mundo para ter consciência crítica das relações que condicionam práticas culturais. Na casa da minha avó, meu principal destino aos domingos, também desenvolvi uma conexão profunda com a natureza, brincando e explorando o ambiente ao lado das minhas primas, graças ao quintal que havia lá. Merleau-Ponty (1999) argumenta

que as experiências vividas em uma instalação podem se desdobrar através de tudo o que é percebido, inicialmente se manifestando como um vasto espetáculo de aprendizado. Naquele quintal, tive a oportunidade de vivenciar uma variedade de estímulos sensoriais, como o contato com plantas, o cheiro da terra, os sons dos pássaros e o toque das folhas, proporcionando uma experiência rica e significativa de aprendizado através da observação e da interação direta com o ambiente natural. Com isso, o quintal da minha avó foi uma experiência de aprendizagem inestimável, onde eu pude explorar, descobrir e aprender de forma ativa e envolvente. Durante minha adolescência, o Morro de São Paulo - BA tornou-se meu local favorito, onde eu vivenciava intensamente, junto com meus amigos, a natureza e eventos culturais, como o Festival de primavera. Lá, eu fazia questão de sempre levantar cedo para ir às praias, aproveitar toda a beleza e biodiversidade que a ilha tem a oferecer. Na universidade, a Educação Ambiental foi tema do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e foi quando adentrei – e participo até hoje – do Grupo de Pesquisa em Educação Ambiental e Formação de Professores (GPEA-FP), onde aprofundo meus conhecimentos e troco experiências valiosas. Reigota (2001, p. 58) declara que “[...] a

Educação Ambiental é uma das mais importantes exigências educacionais contemporâneas não só no Brasil, mas também no mundo”, ele ressalta a relevância contínua e global da educação ambiental como campo de estudo e prática. Tal relevância é fator decisivo para a minha decisão de continuar pesquisando sobre esse tema no mestrado, pois ainda há muito a ser explorado e compreendido nessa área, especialmente à luz dos desafios ambientais emergentes e das necessidades educacionais da sociedade atual. Minha primeira oportunidade profissional foi na educação infantil, onde, mesmo inicialmente cética, me apaixonei por essa área ao integrar a educação ambiental no cotidiano das crianças, utilizando técnicas como a produção de tinta com folhas e materiais orgânicos e a organização de atividades sensoriais. Segundo Freire (2003), o conhecimento deve estar conectado à realidade e promover mudanças de atitudes, com o próprio indivíduo sendo o agente de transformação ao compreender e reconhecer sua realidade, capacitando-se para transformar o mundo ao seu redor. Para minha apresentação, utilizei um *scrapbook* virtual que ilustrou digitalmente minha jornada ambiental. A disciplina Educação Ambiental ampliou minha visão

sobre a Educação Ambiental crítica, além de possibilitar a troca de experiências com colegas, enriquecendo ainda mais minha prática educativa.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Experiência Pessoal. Jornada Ambiental.

MEMORIES OF A GREEN BACKYARD: MY JOURNEY IN ENVIRONMENTAL EDUCATION

From an early age, my father taught me to take care of the environment. Through him I learned about recycling and had contact with nature on trips to waterfalls and beaches. At home, he kept a vegetable garden and fruit trees, awakening my environmental awareness. The environmental education I received at school was limited to basics such as how not to pollute or how to look after animals. Loureiro (2007) points out that the expansion of knowledge and the perception of the environment are fundamental to human fulfillment, but the educational process is linked to specific contexts and historical social structures, and is not just about knowing in order to be aware, but about understanding in order to be critically aware of the relationships that condition cultural practices. At my grandmother's house, my main destination on Sundays, I also developed a deep connection with nature, playing and exploring the environment alongside my cousins, thanks to the backyard there. Merleau-Ponty (1999) argues that the experiences lived within an installation can unfold through everything that is

perceived, initially manifesting as a vast spectacle of learning. In that backyard, I had the opportunity to experience a variety of sensory stimuli, such as contact with plants, the smell of the earth, the sounds of birds and the touch of leaves, providing a rich and meaningful learning experience through observation and direct interaction with the natural environment. As a result, my grandmother's backyard was an invaluable learning experience, where I was able to explore, discover and learn in an active and engaging way. During my teenage years, Morro de São Paulo–BA became my favorite place, where I intensely experienced nature and cultural events, such as the Spring Festival, together with my friends. There, I made a point of always getting up early to go to the beaches and enjoy all the beauty and biodiversity that the island has to offer. At university, Environmental Education was the subject of my Final Paper and that's when I joined - and still participate in - the Environmental Education and Teacher Training Research Group (GPEA-FP), where I deepen my knowledge and exchange valuable experiences. Reigota (2001, p. 58) states that "[...] Environmental Education is one of the most important contemporary educational requirements not only in Brazil, but also

in the world", he emphasizes the continuous and global relevance of environmental education as a field of study and practice. This relevance is a decisive factor in my decision to continue researching this topic for my master's degree, as there is still much to be explored and understood in this area, especially in light of the emerging environmental challenges and the educational needs of today's society. My first professional opportunity was in early childhood education, where, even though I was initially skeptical, I fell in love with this area when I integrated environmental education into children's daily lives, using techniques such as making paint from leaves and organic materials and organizing sensory activities. According to Freire (2003), knowledge must be connected to reality and promote changes in attitudes, with the individual themselves being the agent of transformation by understanding and recognizing their reality, enabling them to transform the world around them. For my presentation, I used a virtual scrapbook that digitally illustrated my environmental journey. The Environmental Education course broadened my view of critical environmental education, as well as enabling me to exchange experiences with colleagues, further enriching my educational practice.

Keywords: Environmental Education. Personal Experience. Environmental Journey.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 28. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

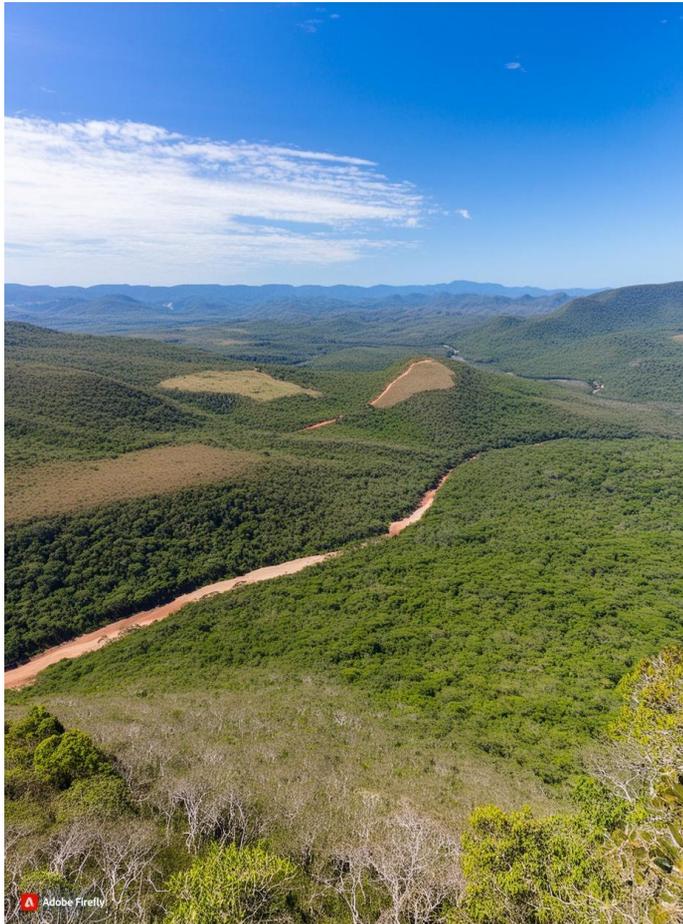
LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. Educação ambiental crítica: contribuições e desafios. **Conceitos e práticas em educação ambiental na escola**, p. 65, 2007.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

REIGOTA, Marcos. **O que é educação ambiental?**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

O QUANTO SUAS EXPERIÊNCIAS TE DEFINEM?

Maurício Bruno da Silva Costa



Fonte: Adobe Firefly.

O QUANTO SUAS EXPERIÊNCIAS TE DEFINEM?

Quando percebi que a proposta da disciplina Educação Ambiental envolvia um seminário sobre minhas aproximações e experiências com o meio ambiente, confesso que fiquei meio perdido. Não sei você, leitor, se sentiria isso também, mas não tinha até então refletido sobre muita coisa que aconteceu comigo. Posso dizer que esse exercício foi bastante interessante, mesmo quando eu considerava não haver uma relação tão próxima assim com a natureza. Claro, devo dizer que desde criança tive uma formação educacional voltada para o meio ambiente por meio principalmente da escola e da família. Espero que a maioria tenha. Alguns não utilizam esses conhecimentos depois de aprendê-los, sim, mas estava lá. Meu pai, Dogival, tem como ofício a contabilidade, e minha mãe, Iêda, era dona de casa. Apesar de meu pai ter vivido algum tempo em uma cidade vizinha menor comparada à que nasci e resido, ele chegou por aqui cedo, aos 07 anos, se bem me lembro. Minha mãe é natural daqui e, por esse motivo, já nasci aqui também. O primeiro ponto é esse: nasci em uma cidade relativamente grande (em número de habitantes na região, pelo menos), e isso pode ter

me afastado inicialmente de um relacionamento mais próximo com a natureza. Houve até alguns casos (só as fotos para me lembrar) em que fui para a fazenda de meu avô materno, além de uma fazenda de um tio-avô meu, e nesses lugares tive contato muito próximo com a natureza. Bem, posso dizer pelas fotos que estava me divertindo. Um pouco mais velho, coincidentemente aos sete anos, me mudei para a casa em que passei a maior parte da minha vida. Nessa casa, meu pai mora até hoje. Nessa casa, ainda existe o jardim até hoje. Praticamente do jeito que sempre foi, e se depender de mim, sempre será, um lugar cheio de vida. A partida precoce de minha mãe não diminuiu em nada o sentimento alegre que tenho ao olhar para ele. Esse é um segundo aspecto importante desse texto: as influências que tive perto de mim, e aqui incluo meus pais, sempre gostaram de cuidar da natureza. Sempre fui ensinado a ter um zelo por ela, e agora mais maduro, consigo respeitá-la. Não me considero nem de perto como uma pessoa consumista. Nesse aspecto, acredito que a escola pode ter desempenhado algum papel importante, já que muito do que se ensina (até hoje) passa por utilizar a natureza a nosso favor, já mais distante do conservacionismo que me foi ensinado desde cedo. Lembro-me que achei estranho quando

algumas árvores foram removidas perto de casa para fazer alguma obra que até hoje não sei se sequer existiu. Elas estavam lá, sem atrapalhar nada e nem ninguém. Sabendo o papel que árvores cumprem no meio ambiente, não seria melhor deixá-las lá? Naturalmente, existem vários tipos de experiências. Alguns fatores como idade/maturidade influenciam sobre o processo reflexivo diante de uma situação, e nem sempre essa reflexão acontece no momento da experiência. Uma dessas árvores tinha ficado gravada em minha memória de uma forma negativa: naquela época, perto dos anos 2000, a maioria das crianças ainda brincava na rua, e nela passavam uma boa parte do dia. Uma das brincadeiras era a de acertar objetos com o badoque, ou estilingue, e todos se consideravam bons nisso. Lembro-me que eu nunca tinha acertado um passarinho, enquanto outras crianças já, e isso me deixava ansioso para conseguir também tal feito. No dia que consegui, desejei não ter passado por isso. Acontece que a pedra pegou de raspão na cabeça de um pardal nessa árvore, e eu o vi cair. Claro, no momento a felicidade explodiu, já que cumpri meu objetivo, mas não foi tão legal quando me aproximei e vi que ele estava se contorcendo. Essa experiência me marcou, e posso dizer que foi a

última vez que fiz algo do tipo com alguma criatura. Tal qual a árvore, que pouco tempo depois fora cortada, o pássaro só estava lá, cumprindo seu papel, e teve o mesmo fim. Por ironia do destino, alguns anos depois, fui presenteado, em momentos diferentes, com Calopsitas e até um Papagaio. O quanto a reflexão sobre a experiência ruim anterior influenciou no comportamento posterior? Não sei, já que naquela idade não havia como pensar nisso, mas acredito que, no fim, uma aprendizagem importante foi adquirida. Enquanto adolescente, acredito que a maior influência foi dos jogos eletrônicos em que deveria administrar os recursos naturais para desenvolver minha cidade/reino. Nesse sentido, a tendência pragmática de ter a natureza como ferramenta sempre me foi natural. O próximo ponto de destaque foi numa visita ao lixão da cidade. Acredito que todos deveriam conhecer a realidade do tratamento que se dá ao lixo local e observar em primeira mão como se dá a situação daqueles que vivem dele. Obviamente, em algumas cidades o processo já pode estar mais “evoluído”, mas sabemos que em muitas ainda não. Sob o olhar da educação ambiental crítica, fico me perguntando como algumas situações ainda acontecem e parecem passar invisíveis aos olhos do Estado. É meio surreal, mas

real. Gostaria de mencionar um último ponto: desde a minha infância fui afastado da prática da caça. Sei que é ilegal para quase todos os animais e situações, e também sei que a prática hoje se reduziu bastante, mas sei que ela ainda acontece. Sempre tive a curiosidade, desde criança até a adolescência, de tentar ao menos uma vez, já que parecia legal e me fazia admirar as histórias antigas contadas por um tio meu. Felizmente, todas as desculpas de minha mãe, afirmando na época que ainda era cedo, deram certo, e, depois, ficou tarde. Hoje, eu agradeço por não precisar ter que pedir desculpas à memória dela por isso. Quem sabe uma ação dessas naquela época teria me afastado de quem sou hoje, e de onde estou hoje. Por isso, deixo aos leitores a minha pergunta primeira: O quanto suas experiências te definem?

Palavras-chave: Educação Ambiental. Vivência Reflexiva. Tendência Crítica.

HOW MUCH DO YOUR EXPERIENCES DEFINE YOU?

When I realized that the proposal for the subject Environmental Education involved a seminar on my approaches to and experiences with the environment, I confess that I was a little lost. I don't know about you, reader, but until then I hadn't reflected on much that had happened to me. I can say that this exercise was quite interesting, even when I didn't think I had such a close relationship with nature. Of course, I have to say that since I was a child, I've had an educational background focused on the environment, mainly through school and family. I hope most people have. Some don't use this knowledge after learning it, yes, but it was there. My father, Dogival, works as an accountant and my mother, Iêda, was a housewife. Although my father lived for some time in a neighboring town that was smaller than the one I was born in, he arrived here early, at the age of 7, if I remember correctly. My mother is from here and, for that reason, I was born here too. The first point is this: I was born in a relatively large city (in terms of the number of inhabitants in the region, at least), and this may have initially distanced me from a closer relationship with nature. There were

even a couple of times (just the photos to remind me) when I went to my maternal grandfather's farm, as well as one of my great-uncle's farms, and in these places I had very close contact with nature. Well, I can tell from the photos that I was enjoying myself. A little older, coincidentally at the age of seven, I moved into the house where I spent most of my life. My father still lives there today. The garden is still there today. Pretty much the way it always was, and if it's up to me, always will be, a place full of life. My mother's early departure has done nothing to diminish the joyful feeling I get when I look at it. This is a second important aspect of this text: the influences I've had around me, and here I include my parents, have always liked to take care of nature. I was always taught to have a zeal for it, and now that I'm more mature, I can respect it. I don't consider myself to be a consumerist at all. In this respect, I believe that school may have played an important role, since much of what is taught (to this day) involves using nature to our advantage, a far cry from the conservationism I was taught from an early age. I remember finding it strange when some trees were removed near my house to carry out some work that I still don't know if it even existed. They were there, without disturbing anything or anyone.

Knowing the role trees play in the environment, wouldn't it be better to leave them there? Naturally, there are different types of experiences. Certain factors such as age/maturity influence the reflective process in the face of a situation, and this reflection doesn't always happen at the moment of the experience. One of these trees had been imprinted on my memory in a negative way: at that time, around the 2000s, most children still played in the street, and spent a good part of the day there. One of the games was hitting objects with the badoque, or slingshot, and everyone considered themselves good at it. I remember that I had never hit a bird, while other children had, and this made me anxious to achieve this feat too. The day I succeeded, I wished I hadn't. As it turned out, the stone grazed the head of a sparrow in the tree, and I saw it fall. Of course, at the moment happiness exploded as I had achieved my goal, but it wasn't so nice when I got closer and saw that it was squirming. That experience left its mark on me, and I can say that it was the last time I did anything like that with any creature. Just like the tree, which was cut down a short time later, the bird was just there, fulfilling its role, and met the same end. Ironically, a few years later, I was given Calopsitas and even a Parrot at different times.

How much did reflecting on the previous bad experience influence later behavior? I don't know, since at that age there was no way of thinking about it, but I believe that, in the end, important learning was acquired. As a teenager, I think the biggest influence came from the electronic games in which I had to manage natural resources in order to develop my city/kingdom. In this sense, the pragmatic tendency to use nature as a tool has always come naturally to me. The next highlight was a visit to the city dump. I believe that everyone should get to know the reality of how local waste is treated and see first-hand the situation of those who live off it. Obviously, in some cities the process may already be more "evolved", but we know that in many it is not yet. From the perspective of critical environmental education, I wonder how some situations still happen and seem to go unseen by the state. It's a bit surreal, but real. I'd like to mention one last point: since childhood I've been kept away from the practice of hunting. I know it's illegal for almost all animals and situations, and I also know that the practice has been greatly reduced today, but I know it still happens. I was always curious, from childhood to adolescence, to try it at least once, as it looked cool and made me admire the old stories told by an uncle of

mine. Fortunately, all my mother's excuses, saying at the time that it was still early, worked, and then it got late. Today, I'm grateful that I don't have to apologize to her memory for that. Perhaps such an action back then would have kept me from who I am today, and where I am today. So I leave readers with my first question: How much do your experiences define you?

Keywords: Environmental education. Reflective experience. Critical tendency.

REFERÊNCIAS

LAYRARGUES, Philippe Pomier; LIMA, Gustavo Ferreira da Costa. As macrotendências político-pedagógicas da educação ambiental brasileira. **Ambiente & sociedade**, v. 17, p. 23-40, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/asoc/a/8FP6nynhjdZ4hYdqVFdYRtx/>. Acesso em: 01 abri. 2024.

“SALVE OS PIONEIROS QUE UM DIA CHEGARAM E QUE PLANTARAM OS TEUS CACAUAIS”: PRÁTICAS DE RESGATE E VALORIZAÇÃO AMBIENTAL NO CETEP MÉDIO RIO DAS CONTAS

Raviéllen Vieira Barros



Fonte: domínio público (internet).

“SALVE OS PIONEIROS QUE UM DIA CHEGARAM E QUE PLANTARAM OS TEUS CACAUAIS”: PRÁTICAS DE RESGATE E VALORIZAÇÃO AMBIENTAL NO CETEP MÉDIO RIO DAS CONTAS

Este resumo é fruto de reflexões e discussões proporcionadas no âmbito do componente curricular Educação Ambiental (EA) que, dentre outros aspectos, possibilitou aos discentes o resgate de memórias de vivências que em alguma dimensão se articulam com elementos da EA. Nosso breve relato se constitui a materialização de experiências que incluem diferentes vozes, portanto, aqui narradas no plural por acreditarmos na importância da coletividade na produção de nossas relações com o ambiente. Escolhemos compartilhar narrativas que envolvem a atividade docente da educação básica por acreditarmos na escola pública como ferramenta da transformação da sociedade em sua perspectiva mais complexa possível. Nesse contexto, trazemos o relato de alguns projetos desenvolvidos por estudantes, professoras e professores do Centro Territorial de Educação Profissional do Médio Rio das Contas (CETEP-MRC), localizado em um pequeno município do

interior baiano. A Escola Agrotécnica Chico Mendes, como foi denominada em sua criação no ano de 1989, tinha como objetivo o fortalecimento e desenvolvimento econômico da região a partir da formação de profissionais para atuarem na agricultura e agropecuária. A região do Médio Rio de Contas tem como característica histórica e cultural o desenvolvimento da região por meio do cultivo do cacau. A cidade de Ipiaú-BA, onde hoje está localizado o CETEP-MRC (transformado em Centro pela Portaria Estadual nº 8.677/2009), foi desde sempre uma potência no cultivo de cacau, razão pela qual a identidade da região e seu desenvolvimento socioeconômico foi sendo demarcada pelo contexto das lavouras cacaueiras, além de outras atividades agrícolas e agropecuárias. Essa caracterização da região é de suma importância para entendermos as atividades desenvolvidas pelo CETEP-MRC nos dias de hoje. Começaremos demarcando que a escola possui forte influência desse contexto, tanto em sua estrutura física quanto no desenvolvimento de seus projetos pedagógicos. Seu entorno é embelezado por pés de cacau dentro e fora da unidade, que se caracteriza como escola-fazenda, remetendo a comunidade escolar aos aspectos primeiros da existência de nosso município e

resgatando a história e cultura do ambiente natural e social. Nessa perspectiva, a escola possui em seu interior e em pleno funcionamento a Fábrica Escola de Chocolate do Médio Rio das Contas¹. A fábrica funciona como laboratório científico, tecnológico e pedagógico, no qual estudantes e docentes do Curso Técnico em Agroindústria realizam suas atividades diárias, bem como estágios e projetos. Ainda na perspectiva de valorização da história e cultura do meio ambiente ipiauense, estudantes e docentes do curso Técnico em Biotecnologia têm desenvolvido projetos de utilização de outras partes do fruto e da árvore na criação de produtos, principalmente na área da cosmetologia. Também estão em desenvolvimento atualmente, projetos que utilizam insumos da flora local na produção de cosméticos e pomadas. Alguns dos projetos em desenvolvimento são: esfoliante facial à base do nibs de cacau, biogloss à base de urucum, papel semente a partir da reutilização de papel escolar, desodorante natural sem adição de metais pesados, tônico capilar vegano, sistema de captação de água da chuva, pomada medicinal, perfume de chocolate, bioinseticida à

¹ Maiores informações sobre a fábrica em sua página oficial no *instagram*: @fabricaescola.cetepmrc

base de folha da mamona, dentre outros. Todos os projetos podem ser acompanhados pela página oficial da escola no *instagram*: @cetepmrc. O CETEP-MRC conta atualmente com seis cursos técnicos, são eles: Agroindústria, Agropecuária, Zootecnia, Biotecnologia, Edificações e Logística. Todos os cursos buscam alinhar a perspectiva de valorização do meio ambiente escolar em sua totalidade, considerando não apenas o ambiente natural que compõe a escola, mas seu entorno, que abriga uma pequena comunidade às margens da BR 300, carinhosamente apelidada de “Passa com jeito”. Nesse contexto, a escola tem realizado, por meio do Curso Técnico em Biotecnologia, exames laboratoriais de forma gratuita para os moradores como atividade pedagógica e de estágio curricular do curso. As coletas são realizadas em domicílio pelos próprios estudantes, e as amostras levadas para o laboratório de análises clínicas da escola. Outros projetos estão em implantação e desenvolvimento, por exemplo, a realização de plantas e desenhos técnicos para a população do entorno, realizado pelo Curso Técnico em Edificações. Nossa perspectiva é de ampliação de projetos e atividades que valorizem cada vez mais o sentimento de pertencimento de estudantes, docentes, comunidade do entorno e

toda a comunidade escolar, que cercada por cacauzeiros e banhada pelo belíssimo Rio de Contas, contam a história do nosso povo ipiauíense, de sua fibra e de sua coragem. *“Salve os pioneiros que um dia chegaram e que plantaram os teus cacauais, dando a semente do teu presente que cresce mais e mais.”*².

Palavras-chave: Ipiauí. Médio Rio de Contas. Educação Profissional e Tecnológica.

² Hino Nacional de Ipiauí. Disponível em <<https://www.lettras.mus.br/hinos-de-cidades/942279/>>. Acesso em: 25 mai. 2024.

HAIL TO THE PIONEERS WHO ONCE ARRIVED AND PLANTED YOUR CACAO PLANTATIONS": PRACTICES OF ENVIRONMENTAL RECOVERY AND VALORIZATION IN THE CETEP MÉDIO RIO DAS CONTAS

This summary is the result of reflections and discussions provided within the framework of the Environmental Education (EE) curricular component which, among other aspects, enabled students to recover memories of experiences that in some dimension are articulated with elements of EE. Our brief report is the materialization of experiences that include different voices, and is therefore narrated here in the plural because we believe in the importance of collectivity in the production of our relationships with the environment. We chose to share narratives involving teaching in basic education because we believe in public schools as a tool for transforming society in its most complex possible perspective. In this context, we report on some of the projects developed by students, teachers and professors at the Territorial Center for Professional Education in the Middle Rio das Contas

(CETEP-MRC), located in a small municipality in the interior of Bahia. The Chico Mendes Agrotechnical School, as it was called when it was created in 1989, aimed to strengthen and develop the region's economy by training professionals to work in agriculture and farming. The historical and cultural characteristic of the Médio Rio de Contas region is its development through cocoa cultivation. The city of Ipiaú-BA, where the CETEP-MRC is located today (transformed into a Center by State Ordinance No. 8.677/2009), has always been a powerhouse in cocoa cultivation, which is why the identity of the region and its socio-economic development has been demarcated by the context of cocoa plantations, as well as other agricultural and farming activities. This characterization of the region is extremely important if we are to understand the activities carried out by CETEP-MRC today. We'll start by pointing out that the school is strongly influenced by this context, both in its physical structure and in the development of its pedagogical projects. Its surroundings are embellished by cocoa trees both inside and outside the school, which is characterized as a school-farm, taking the school community back to the earliest aspects of our municipality's existence and rescuing the history and culture of the

natural and social environment. With this in mind, the school has the Médio Rio das Contas Chocolate Factory in full operation. The factory functions as a scientific, technological and pedagogical laboratory, where students and teachers from the Technical Course in Agroindustry carry out their daily activities, as well as internships and projects. Also with a view to valuing the history and culture of the Ipiaouense environment, students and teachers on the Biotechnology Technical course have been developing projects to use other parts of the fruit and the tree to create products, mainly in the field of cosmetology. Projects are also currently underway that use inputs from the local flora to produce cosmetics and ointments. Some of the projects under development are: facial scrub based on cocoa nibs, biogloss based on annatto, seed paper from the reuse of school paper, natural deodorant without added heavy metals, vegan hair tonic, rainwater harvesting system, medicinal ointment, chocolate perfume, bioinsecticide based on castor bean leaves, among others. All the projects can be followed on the school's official instagram page: @cetepmrc. CETEP-MRC currently has six technical courses: Agroindustry, Farming, Animal Husbandry, Biotechnology, Building and Logistics. All the courses seek to align

the perspective of valuing the school environment as a whole, considering not only the natural environment that makes up the school, but also its surroundings, which are home to a small community on the banks of the BR 300 highway, affectionately nicknamed "Passa com jeito". In this context, through the Biotechnology Technical Course, the school has been carrying out laboratory tests free of charge for the residents as a teaching activity and as part of the course's internship. The samples are collected at home by the students themselves and taken to the school's clinical analysis laboratory. Other projects are being implemented and developed, for example, the creation of plans and technical drawings for the surrounding population, carried out by the Building Technician course. Our perspective is to expand projects and activities that increasingly enhance the sense of belonging of students, teachers, the surrounding community and the entire school community, which, surrounded by cocoa trees and bathed by the beautiful Rio de Contas, tells the story of our people from Ipiaú, their fiber and their courage. "Hail to the pioneers who arrived one day and planted your cacao plantations, giving the seed of your gift that grows more and more."

Keywords: Ipiaú. Middle Rio de Contas. Professional and Technological Education.

REFERÊNCIAS

BAHIA, Governo do Estado. **Portaria Nº 8.677 de 16 de abril de 2009**. Dispõe sobre a transformação de Unidades Escolares Estaduais em Centros Estaduais e Territoriais de Educação Profissional e dá outras providências. Disponível em: <<https://www.dieese.org.br/livro/2011/Oconselhoscentrosdeeducacao/index.html?page=45>>. Acesso em: 25 mai. 2024.

IPIAÚ (BA). *In*: ENCICLOPÉDIA dos municípios brasileiros. Rio de Janeiro: IBGE, 1958. v. 20. p. 277-278. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv27295_20.pdf. Acesso em: 25 mai. 2024.

SANKOFA: MEMÓRIAS ANCESTRAIS PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL EMANCIPATÓRIA

Renata Miranda Souza



Fonte: Domínio público (<https://chc.org.br/artigo/para-o-alto-com-sankofa/>)

Nota: Símbolo do *Sankofa*, ideograma que representa um provérbio africano tradicional dos povos de língua Acã, citado no texto.

SANKOFA: MEMÓRIAS ANCESTRAIS PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL EMANCIPATÓRIA

O ideograma africano “*Sankofa*” é representado por um pássaro com a cabeça voltada para trás, enquanto seu corpo se estende para frente; ou também pela forma de duas voltas justapostas, espelhadas, lembrando um coração. O símbolo *Sankofa* significa “voltar e apanhar de novo”, representa a ideia de olhar para trás, aprender com o passado para construir o presente e o futuro, em outras palavras: reconecte-se com suas origens e utilize-as como base para promover o desenvolvimento, o progresso e a prosperidade de sua comunidade em todas as áreas da vida humana (Nascimento, 2001). Dessa forma, apresentar as nossas trajetórias de vida é um exercício de reencontro com a nossa ancestralidade. Logo, este resumo seguirá na primeira pessoa, invocando algumas vivências da autora. Ao ter contato com a disciplina de Educação Ambiental na pós-graduação em Educação Científica e Formação de Professores (PPG-ECFP) pude me reconectar com o significado do *Sankofa*, uma vez que me percebi revivendo memórias ancestrais num diálogo constante entre o ontem e o hoje. Portanto, é

importante nos conectar com a nossa história negada, silenciada e distorcida pelo olhar colonizador. Viver, criar, plantar, colher, amar, ressignificar a nossa educação é descolonizar, melhor dizendo, contra colonizar (Bispo, 2023). Nosso enraizamento se dá quando reconhecemos a nossa humanidade enquanto ato político, e só se faz possível através do contato com os outros e outras e com a natureza. Para tanto, é preciso ressignificar a nossa educação para que ela se torne um direito a própria vida, a totalidade do ser, ao bem viver. Nesse sentido, a Educação Ambiental (EA) se constitui como campo de estudo plural, complexo, que permite múltiplas abordagens da questão ambiental e suas motivações e favorece a construção de alternativas consistentes em diferentes espaços de atuação (Loureiro, 2008). Ao tratar da Educação Ambiental durante nossos encontros na disciplina, dialogamos com a Educação Ambiental crítica (EAC), a qual se preocupa com a análise crítica das estruturas sociais, políticas e econômicas num movimento de ressignificação que contemple o junto, o conjunto, a totalidade complexa (Guimarães, 2004). As experiências vivenciadas na disciplina me possibilitaram olhar para trás, perceber as mudanças que ocorreram na minha trajetória e quais as perspectivas futuras na

qualidade de professora da Educação Básica. Começo a pensar a infância e as aprendizagens geracionais quando busco dialogar com a minha mãe, minha avó e outras mulheres que me criaram, num exercício de tentar compreender qual a minha relação com a natureza e qual a minha compreensão enquanto ser natural. Como entender o presente sem conhecer o passado que nos trouxe até aqui? Dado tudo isso, esse contato me fez pensar sobre o lugar, físico e atemporal, pois, apesar de estar sujeito a mudanças ou flutuações do tempo, é para onde posso voltar e revistar. Recordo-me de sempre acordar cedo com o canto dos pássaros e com a voz da minha mãe nos preparando para o café. Quando ela não ia para a lavoura, me levava para uma fonte de água doce, comumente chamada de nascente do beija-flor, onde as mulheres lavavam roupa de ganho e também suas roupas, já que ainda não tínhamos água encanada. Éramos felizes ali; era um lugar onde podíamos ser quem somos, juntos com a natureza. Ao pesquisar sobre a minha cidade natal e o lugar onde cresci e ao dialogar com os meus/minhas, foi resgatado que próximo à fonte, onde se lavava roupa, havia um pé de jequitibá vermelho, árvore grande, de tronco largo, que dava frutos, servia de sombra e acolhia as histórias daquele lugar. Recordo-me também

de chegar saltitante e ir correndo para o quintal da minha vó, onde poderia descansar, brincar e me deliciar com frutas direto do pé. Assim, essas experiências me fazem perceber a importância de reconhecer e valorizar: o conhecimento tradicional das comunidades locais sobre o meio ambiente; o olhar sensível dos meus avós ao plantar e colher; a minha percepção sobre a essência de explorar a história ambiental da minha comunidade. Tantas foram as vivências e experiências que se encontram e se conectam com muitas outras, construídas na coletividade. Quantas lembranças pude reviver; lembranças que não cabem aqui, mas que são múltiplas e se desenham no meu futuro também enquanto mulher, negra e professora. O conceito de *Sankofa* também pode ser usado para promover uma conexão com a natureza; posso encorajar meus alunos e alunas a olhar para trás e aprender com as formas como as culturas tradicionais e indígenas se relacionavam com o meio ambiente, a promover um olhar reflexivo e um respeito e apreço pela natureza. Enfim, é fundamental existirmos em nossas pesquisas, nossas disciplinas, nossas Universidades, falarmos de nossas experiências, desde nós mesmos, e para nós, pois, a afirmação de si conjuga a de todas as nossas ancestrais, de quem já

veio, de quem está aqui e de quem virá. Desse modo, não podemos perder de vista a construção de uma consciência política, social e cultural de pertencimento para a consolidação de sociedades democráticas, objetivando se pensar uma Educação Ambiental crítica e emancipatória, na qual o bem viver possa marcar a nossa existência, respeitando as diferenças e o lugar, espaço tempo da ancestralidade.

Palavras-chave: Memórias. Ancestralidade. Educação Ambiental.

SANKOFA: ANCESTRAL MEMORIES FOR THE CONSTRUCTION OF AN EMANCIPATORY ENVIRONMENTAL EDUCATION

The African ideogram "Sankofa" is represented by a bird with its head turned backwards, while its body extends forwards; or also by the shape of two juxtaposed, mirrored loops, resembling a heart. The Sankofa symbol means "go back and get it again", it represents the idea of looking back, learning from the past in order to build the present and the future, in other words: reconnect with your origins and use them as a basis for promoting the development, progress and prosperity of your community in all areas of human life (Nascimento, 2001). In this way, presenting our life trajectories is an exercise in reconnecting with our ancestry. Therefore, this summary will be in the first person, invoking some of the author's experiences. When I had contact with the subject of Environmental Education in the postgraduate course in Science Education and Teacher Training (PPG-ECFP), I was able to reconnect with the meaning of Sankofa, since I found myself reliving ancestral memories in a constant dialogue between yesterday and today. It is therefore important to connect with our history, which has been

denied, silenced and distorted by the colonizing gaze. To live, create, plant, harvest, love and give new meaning to our education is to decolonize, or rather, to counter-colonize (Bispo, 2023). We become rooted when we recognize our humanity as a political act, and this is only possible through contact with others and with nature. To this end, we need to resignify our education so that it becomes a right to life itself, to the totality of being, to living well. In this sense, Environmental Education (EE) is a plural, complex field of study that allows for multiple approaches to the environmental issue and its motivations, and favors the construction of consistent alternatives in different areas of activity (Loureiro, 2008). When dealing with Environmental Education during our meetings in the course, we dialogued with Critical Environmental Education (EAC), which is concerned with the critical analysis of social, political and economic structures in a movement of re-signification that takes into account the whole, the complex totality (Guimarães, 2004). The experiences I've had in the subject have enabled me to look back, to realize the changes that have taken place in my career and what the future prospects are as a primary school teacher. I begin to think about childhood and generational learning when I try to talk to my

mother, my grandmother and other women who raised me, in an exercise of trying to understand my relationship with nature and my understanding as a natural being. How can we understand the present without knowing the past that brought us here? Given all this, this contact made me think about the place, physical and timeless, because although it is subject to changes or fluctuations in time, it is where I can return to and revisit. I remember always waking up early to birdsong and my mother's voice preparing us for coffee. When she wasn't farming, she would take me to a freshwater spring, commonly called the hummingbird spring, where the women washed their clothes and their earnings, since we didn't yet have running water. We were happy there; it was a place where we could be who we were, together with nature. When I researched my hometown and the place where I grew up, and when I talked to my loved ones, I learned that next to the fountain, where they washed their clothes, there was a red jequitibá tree, a large tree with a wide trunk that bore fruit, provided shade and welcomed the stories of that place. I also remember jumping up and running to my grandmother's yard, where I could rest, play and enjoy fruit straight from the tree. These experiences make me realize the importance of

recognizing and valuing: the traditional knowledge of local communities about the environment; my grandparents' sensitive approach to planting and harvesting; my perception of the essence of exploring my community's environmental history. There were so many experiences that meet and connect with many others, built collectively. How many memories I've been able to relive; memories that don't fit here, but which are multiple and shape my future as a woman, a black woman and a teacher. The concept of Sankofa can also be used to promote a connection with nature; I can encourage my students to look back and learn from the ways in which traditional and indigenous cultures related to the environment, to promote a reflective gaze and a respect and appreciation for nature. In short, it is essential that we exist in our research, our disciplines, our universities, talking about our experiences, from ourselves, and for ourselves, because the affirmation of self combines that of all our ancestors, of those who have already come, of those who are here and of those who will come. In this way, we cannot lose sight of building a political, social and cultural consciousness of belonging in order to consolidate democratic societies, with the aim of thinking about a critical and emancipatory Environmental

Education, in which good living can mark our existence, respecting differences and the place, space and time of ancestry.

Keywords: Memories. Ancestry. Environmental education.

REFERÊNCIAS

DOS SANTOS, Antônio Bispo; PEREIRA, Santídio. **A terra dá, a terra quer**. Ubu Editora, 2023.

GUIMARÃES, Mauro. Educação ambiental crítica. **Identidades da educação ambiental brasileira**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, p. 25-34, 2004.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. Educação ambiental no Brasil. **Educação Ambiental no Brasil**, 2008.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. Sankofa: educação e identidade afrodescendente. **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Summus, p. 115-140, 2001.

AUTO BIOGRAFIA: RELAÇÃO COM O MEIO AMBIENTE NATURAL

Sirleide de Jesus Lima Santos



Fontes: Acervo da autora e domínio público (internet).

AUTOBIOGRAFIA: RELAÇÃO COM O MEIO AMBIENTE NATURAL

A participação na disciplina Educação Ambiental (EA), como proposto neste Programa de Mestrado, pelo viés da crítica, proporcionou-me uma experiência cujo resultado modificou, vertiginosamente, minha concepção e percepção dos estudos nesta área. A criticidade e a dialogicidade que despontaram e que doravante nortearão o meu percurso da EA, entremeando por todos os ramos epistemológicos, e no modelo interdisciplinar (Almeida; Silva, 2019), foram pautas inesgotáveis de debates, conduzidos pela docente ou discentes, trazendo à lúmen a conscientização sobre a amplitude da interação do ser humano/mundo social, econômico, cultural e político e do comprometimento deste ser nas intervenções necessárias em seu contexto (Mizukami, 1986). Concomitantemente, ocorreu o desenvolvimento de uma autobiografia socioambiental, na qual apresentei a história da minha vivência particular com o meio ambiente, intitulada *Autobiografia: relação com o meio ambiente*, iniciando minha narrativa com uma brincadeira, com o seguinte subtítulo: *52÷2: o*

antes e o depois. Meus primeiros 26 anos vivi exclusivamente em Ilhéus. Foi desafiador expor particularidades que revelariam um pouco do meu interior. Percebi como a EA trouxe-me reflexões múltiplas para enxergar minha realidade ambiental (Silva; Loureiro, 2019). Sou filha de um homem de apelido “caboco”, pele morena, como falavam na época, e cabelo muito liso, um mestiço descendente de negro e indígena, não-alfabetizado, que aprendeu apenas a escrever o nome; minha mãe, semialfabetizada, negra de pele clara, como eu, cuidou de 12 filhos. Alguns não concluíram nem o fundamental II porque tinham que trabalhar, e outros, décadas depois, conseguiram fazer uma graduação particular. Nasci na favela, na pobreza social, e em meio ao caos de uma casa alagada; vivia escorregando na lama em dias de chuva, segurando nos matos para não cair; tinha que emergir força para estudar (Herculano; Pacheco, 2006). Vivia inserida em um conflito de rejeição pelos que se declaravam brancos e pelos que se diziam negros, porque me chamavam de morena. Nas reminiscências infantis, é notória a ligação muito íntima com a natureza, no ambiente do meu quintal. Esse período, é marcado por três vieses: alimento (jenipapo, cacau, jaca, manga), diversão (gangorras, balanços, dormir numa rede,

subir nas árvores, esconder, contemplar, sentir o vento e ouvir o farfalhar das folhas) e meditações em forma de orações (pedidos de socorro a Deus em meio a tantos desencontros, desafios, sofrimentos, grandes necessidades para a família; as diversas interrogações sobre a existência, as desigualdades e as injustiças; reflexão sobre o porquê de meu pai tentar impedir que eu brincasse com minhas amiguinhas, pelo fato de serem negras; reflexão sobre o porquê de alguns familiares não criarem laços afetivos comigo, pela minha condição sociocultural). Outra lembrança muito significativa é que minha mãe amava cantar e fazer mudas de plantas ornamentais, principalmente se tivessem flores. Ajudei a fazer muitos caqueiros/vasos. Paralelo ao meu mundo infante/juvenil, o outro lado exuberante de Ilhéus já existia, mas negado o meu acesso a ele. Não tenho lembrança nítida de quando foi minha primeira visita à praia. Esta não era tão longe do morro, mas não havia tempo para lazer da família. A vida era muito dura, e, desde muito pequena, já tinha que ajudar nos afazeres da casa. Além disso, eu era uma menina que, entre outras coisas, não podia sair sozinha. Creio que a partir de 8 anos pude ir algumas vezes à praia. Assim, por muito tempo, meu quintal foi o meu lugar de

refúgio. Após os dezesseis anos participei de muitos acampamentos espirituais, em contato com a natureza, onde dormia em barracas de camping com as pessoas da minha comunidade religiosa a que passei a pertencer. Usufruí dos rios, das cachoeiras, do mar, do canto dos pássaros. Meus melhores dias em meio à natureza. Assim como eu, minhas filhas amam acampamentos e caminhadas em trilhas; todas as nossas viagens são focadas em lugares com ambientes naturais que nos transmitem paz e sensação de refúgio, favorecem a meditação e comunhão com Deus. Os outros 26 anos de minha vida estão mais ligados a Jequié. Conheci outro bioma, a caatinga, e casei com um catingueiro. Foi aqui em Jequié que tive raras experiências na docência voltada para Educação Ambiental. Trabalhei com produção de vídeos sobre os problemas ambientais identificados na escola e no seu entorno. Dentro do curso de Ecologia de Ecossistemas, trabalhei com plantas medicinais, com um estudo comparativo do conhecimento popular e científico. Até hoje, por onde viajo, trago fotos em interação com a natureza. Como esta atividade é uma narrativa, foi perceptível a postura de natureza contemplativa, conservacionista, porém, com um prenúncio de criticidade nas reflexões infantis (Cortes Junior; Fernandez, 2016).

Esta autobiografia foi apresentada em sala, por meio da oralidade e da exibição de textos e imagens nos slides. Algumas imagens foram representativas, copiadas da internet, destacando os Biomas Mata Atlântica no litoral e Caatinga, outras, de fonte particular, apresentando a família em meio à natureza.

Palavras-chave: Autobiografia. Natureza. Sociedade.

AUTOBIOGRAPHY: A RELATIONSHIP WITH THE NATURAL ENVIRONMENT

Participating in the subject of Environmental Education (EE), as proposed in this Master's Program, through the lens of critique, provided me with an experience whose result has dramatically changed my conception and perception of studies in this area. The criticality and dialogicity that emerged and that will henceforth guide my EE journey, interspersed throughout all the epistemological branches, and in the interdisciplinary model (Almeida; Silva, 2019), were inexhaustible agendas for debates, led by the teacher or students, bringing to light the awareness of the breadth of the interaction of the human being/social, economic, cultural and political world and the commitment of this being in the necessary interventions in their context (Mizukami, 1986). At the same time, a socio-environmental autobiography was developed, in which I presented the story of my particular experience with the environment, entitled *Autobiography: relationship with the environment*, starting my narrative with a joke, with the following subtitle: *52÷2: the before and the after*. My first 26 years I lived

exclusively in Ilhéus. It was challenging to expose particularities that would reveal a little of my inner self. I realized how EE brought me multiple reflections to see my environmental reality (Silva; Loureiro, 2019). I'm the daughter of a man nicknamed "caboco", with dark skin, as they said at the time, and very straight hair, a mestizo descendant of black and indigenous people, illiterate, who only learned to write his name; my mother, semi-literate, light-skinned black, like me, took care of 12 children. Some didn't even finish primary school because they had to work, and others, decades later, managed to get a private degree. I was born in the favela, in social poverty, and in the midst of the chaos of a flooded house; I lived slipping in the mud on rainy days, holding on to the bushes so I wouldn't fall; I had to summon up the strength to study (Herculano; Pacheco, 2006). I lived in a conflict of rejection by those who said they were white and those who said they were black, because they called me brunette. In my childhood reminiscences, I have a very close connection with nature in my backyard. This period is marked by three aspects: food (jenipapo, cocoa, jackfruit, mango), fun (seesaws, swings, sleeping in a hammock, climbing trees, hiding, contemplating, feeling the wind and listening to the

rustle of leaves) and meditations in the form of prayers (asking God for help in the midst of so many disagreements, challenges, suffering, great needs for the family; the various questions about existence, inequalities and injustices; reflection on why my father tried to stop me from playing with my friends because they were black; reflection on why some family members didn't create emotional bonds with me because of my socio-cultural condition). Another very significant memory is that my mother loved to sing and make ornamental plant cuttings, especially if they had flowers. I helped her make a lot of pots. Parallel to my childhood world, the other exuberant side of Ilhéus already existed, but I was denied access to it. I have no clear memory of when I first visited the beach. It wasn't that far from the hill, but there was no time for family leisure. Life was very hard and, from a very young age, I had to help with the housework. What's more, I was a girl who, among other things, wasn't allowed to go out alone. I think I was able to go to the beach a few times from the age of 8. So, for a long time, my backyard was my place of refuge. After the age of sixteen I took part in many spiritual camps, in contact with nature, where I slept in camping tents with the people from my religious community to which I came

to belong. I enjoyed the rivers, the waterfalls, the sea and the birdsong. My best days were spent in the middle of nature. Like me, my daughters love camping and hiking on trails; all our trips are focused on places with natural environments that give us peace and a sense of refuge, favor meditation and communion with God. The other 26 years of my life are more closely linked to Jequié. I got to know another biome, the caatinga, and married a catingueiro. It was here in Jequié that I had a few teaching experiences focused on Environmental Education. I worked on producing videos about the environmental problems identified in and around the school. As part of the Ecosystem Ecology course, I worked with medicinal plants, with a comparative study of popular and scientific knowledge. To this day, wherever I travel, I bring photos of myself interacting with nature. As this activity is a narrative, the contemplative, conservationist nature was noticeable, but with a hint of criticality in the children's reflections (Cortes Junior; Fernandez, 2016). This autobiography was presented in the classroom, through orality and the display of texts and images on slides. Some of the images were representative, copied from the internet, highlighting the Atlantic Forest Biome on the coast and the

Caatinga, while others came from private sources, showing the family in the midst of nature.

Keywords: Autobiography. Nature. Society.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M.S.; SILVA, S. N. **A educação ambiental no Documento Curricular Referencial da Bahia: algumas reflexões.** XIV ENPEC. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/93545>. Acesso em: 15 mai. 2024.

CORTES JUNIOR, L. P.; FERNANDEZ, C. **A educação ambiental na formação de professores de química: estudo diagnóstico e representações sociais.** Quím. Nova, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5935/0100-4042.20160044>. Acesso em: 15 mai. 2024.

HERCULANO, S.; PACHECO, T. (Org.). **Racismo Ambiental, o que é isso?** Rio de Janeiro: Projeto Brasil Sustentável e Democrático: FASE, 2006. 331p. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/266344253_RACISMO_AMBIENTAL_O_QUE_E_ISSO. Acesso em: 15 mai. 2024.

MIZUKAMI, M.G.N. **Ensino: as abordagens do processo.** São Paulo: EPU, 1986.

SILVA, S. N.; LOUREIRO, C. F. B. **O sequestro da Educação Ambiental na BNCC (Educação Infantil - Ensino Fundamental): os temas Sustentabilidade/Sustentável a partir da Agenda 2030.** In: XII ENPEC, 2019, Natal. p. 1-7. Disponível em: https://abrapecnet.org.br/enpec/xii-enpec/anais/lista_area_05_1.htm. Acesso em: 15 mai. 2024.

O DIREITO À MEMÓRIA: A COMPREENSÃO SUBJETIVA DOS OBJETOS EM CONTEXTO DE DESASTRES CLIMÁTICOS

Talita Maria Miranda Santos



Fonte: Acervo da autora.

O DIREITO A MEMÓRIA: A COMPREENSÃO SUBJETIVA DOS OBJETOS EM CONTEXTO DE DESASTRES CLIMÁTICOS

O conceito de memória é discutido e debatido em diferentes perspectivas da filosofia e da psicologia. No desenvolvimento humano, Vygotsky compreende que a memória é mediada pelo imediatismo, influenciado por estímulos externos (memória natural); a partir do imediatismo outras memórias são construídas (memória mediada). Compreende-se, então, que a memória não é dependente apenas da estrutura cerebral do indivíduo, mas também de estímulos externos (Vygotsky, 1991 *apud* Miranda, 2005). Assim, as memórias são como constelações em nosso universo interior, cada uma brilhando com a luz própria de momentos passados, iluminando o caminho para o autoconhecimento e a compreensão do nosso lugar no mundo. Ao revisitarmos essas memórias, não apenas nos conectamos com quem fomos, mas também moldamos quem somos e quem podemos vir a ser. Quando morremos levamos as memórias conosco, mas podemos deixar registros de algumas dessas memórias, porém o que fazer quando somos violentados e

apagados ainda vivos? A disciplina de Educação Ambiental ofertada no Programa de Pós-graduação em Educação Científica e Formação de Professores nos fez evocar o que já foi dito por Narcizo (2009): precisamos nos entender como parte do ambiente. Somos o ambiente. Quando o meio ambiente sofre danos, somos impactados também. Além dos danos à saúde e das perdas financeiras, sofremos também danos à nossa memória. Desenvolvo esse diálogo inspirada no Minicurso do José Matarezi, realizado em 2020, momento em que passei a ressignificar a importância dos objetos e a compreender o seu impacto na preservação da memória. Dentro do campo da Educação Ambiental (EA) é discutido que a EA, sob uma perspectiva crítica, deve lutar contra a injustiça socioambiental (Layrargues; Lima, 2011). Em situações de desastres climáticos, visualizamos um cenário onde pessoas que moram na periferia têm 15 vezes mais chances de morrer do que pessoas que vivem em regiões centrais, segundo o IPCC (2022). Isso demonstra que as pessoas marginalizadas são mais suscetíveis aos desastres climáticos, e além dos riscos à saúde e as perdas financeiras, esses eventos também afetam as memórias, pois nossos memoriais, presente em nossas residências, são perdidos. Possuímos objetos ligados à nossa

afetividade. Cada objeto presente em uma casa conta uma história; cada história se relaciona com um sentimento; esses sentimentos ressoam de forma particular em cada morador desse lar. Pessoalmente, trouxe à disciplina o meu primeiro violão – instrumento barato, com som ruim, mas que traz uma importância simbólica. Ele esteve presente em diversos momentos e fases da minha vida, além de ter contribuído para o meu desenvolvimento artístico de forma que não poderia ser substituído apenas com recursos financeiros. Todos temos objetos insubstituíveis em nossas memórias, cada objeto nos remete a uma história, a um passado. As perdas resultantes de desastres climáticos também provocam sentimentos de luto nas populações afetadas. Esses sentimentos são complexos e pouco compreendidos, pois não se referem apenas à perda de entes queridos, animais de estimação ou bens materiais, mas também ao luto pelas memórias associadas a esses objetos. São as lembranças de momentos de conquista, como a aquisição da tão sonhada geladeira ou da televisão tão desejada. Todos deveriam ter direito de construir sua história e ter essa história respeitada, mas, muitas vezes, ao discutirmos os impactos das mudanças climáticas, negligenciamos a dor da perda que as vítimas enfrentam, incluindo

o direito de não possuírem uma história.

Palavras-chave: Memórias. Desastres Climáticos. Educação Ambiental.

THE RIGHT TO MEMORY: THE SUBJECTIVE UNDERSTANDING OF OBJECTS IN THE CONTEXT OF CLIMATE DISASTERS

The concept of memory is discussed and debated from different perspectives in philosophy and psychology. In human development, Vygotsky understands that memory is mediated by immediacy, influenced by external stimuli (natural memory); from immediacy, other memories are constructed (mediated memory). It is therefore understood that memory is not only dependent on the individual's brain structure, but also on external stimuli (Vygotsky, 1991 apud Miranda, 2005). Thus, memories are like constellations in our inner universe, each one shining with its own light from past moments, illuminating the path to self-knowledge and understanding our place in the world. By revisiting these memories, we not only connect with who we were, but also shape who we are and who we can become. When we die we take our memories with us, but we can leave records of some of these memories, but what do we do when we are raped and erased while we are still alive? The Environmental Education course offered in the Postgraduate Program in Science Education and Teacher Training reminded us of what Narcizo

(2009) has already said: we need to understand ourselves as part of the environment. We are the environment. When the environment suffers damage, we are also affected. As well as damage to our health and financial losses, we also suffer damage to our memory. I develop this dialog inspired by José Matarezi's Minicourse, held in 2020, when I began to reframe the importance of objects and understand their impact on the preservation of memory. Within the field of Environmental Education (EE), it is argued that EE, from a critical perspective, must fight against socio-environmental injustice (Layrargues; Lima, 2011). In climate disaster situations, we see a scenario where people living on the outskirts are 15 times more likely to die than people living in central regions, according to the IPCC (2022). This shows that marginalized people are more susceptible to climate disasters, and in addition to the health risks and financial losses, these events also affect memories, as our memorials in our homes are lost. We have objects linked to our affections. Each object in a home tells a story; each story relates to a feeling; these feelings resonate in a particular way in each resident of that home. Personally, I brought my first guitar to the course - a cheap instrument with a bad sound, but which has a symbolic

importance. It has been present at various moments and stages of my life, as well as contributing to my artistic development in a way that couldn't be replaced with financial resources alone. We all have irreplaceable objects in our memories, each object takes us back to a story, to a past. Losses resulting from climatic disasters also provoke feelings of mourning in the affected populations. These feelings are complex and poorly understood, as they not only refer to the loss of loved ones, pets or material goods, but also to the mourning of the memories associated with these objects. These are the memories of moments of achievement, such as the purchase of a long-dreamed-of fridge or a much-wanted television set. Everyone should have the right to build their own history and have that history respected, but often, when discussing the impacts of climate change, we neglect the pain of loss that victims face, including the right not to have a history.

Keywords: Memories. Climate Disasters. Environmental education.

REFERÊNCIAS

INTERGOVERNMENTAL Panel on Climate Change. **Climate Change 2022: Impacts, Adaptation and Vulnerability**. Cambridge: Cambridge University Press, 2022. 3050 p.

LAYRARGUES, P. P.; LIMA, G. F. C. Mapeando as macro-tendências político pedagógicas da educação ambiental contemporânea no Brasil. *In: VI Encontro Pesquisa em Educação Ambiental*, 2011, Ribeirão Preto. VI Encontro Pesquisa em Educação Ambiental: a pesquisa em educação ambiental e a pós-graduação. Ribeirão Preto: USP, 2011. v. 0. p. 01-15.

MATAREZI, J. A vida secreta dos objetos: memória, imaginação e subjetividade na transição para sociedades sustentáveis. *In: Diálogos sobre educação ambiental para sociedades sustentáveis: conflitos, saberes e ideias de futuro*. Jequié: UESB. 22-23 de setembro de 2020.

MIRANDA, M. I. Conceitos centrais da teoria de Vygotsky e a prática pedagógica. **Ensino em Re-Vista**, [S. l.], 2010. DOI: 10.14393/ER-v13n1a2044/2005-1. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/view/7921>. Acesso em: 24 mai. 2024.

NARCIZO, Kaliane Roberta dos Santos. Uma análise sobre a importância de trabalhar educação ambiental nas escolas. **REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, [S. l.], v. 22, 2012. DOI: 10.14295/remea.v22i0.2807. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/2807>. Acesso em: 23 mai. 2024.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abordagens, 95

Acesso, 109

Acredito, 71

Afastado, 72

Afetadas, 122

Agrícolas, 82

Agronegócio, 12

Ajudar, 109

Alimentação, 12

Alimento, 108

Alunos, 97

Ambiental, 25, 59

Ambiental, 28, 49, 60, 94, 123

Ambientalismo, 25

Ambiente, 46, 47

Ambiente, 15

Amplitude, 107

Analfabetos, 27

Ancestralidade, 98

Ancestralidade, 98

Aprendizagem, 24

Apresentação, 59

Apresentada, 111

Apresentando, 111

Apresentei, 107

Assegurados, 39

Atividade, 111

Atrapalhar, 70

Atual, 13

Aula, 28

Autobiografia, 12

Autobiografia, 15, 111

Autoconhecimento, 120

Autor, 38

Autorreflexão, 15

Avaliação, 26

B

Badoque, 70

Balanços, 109

Base, 94

Biotecnologia, 84

Brincasse, 109

C

Caatinga, 110

Calmaria, 13

Características, 13, 48

Casa, 13

Cedo, 72

Cetep, 82

Colegas, 60

Comigo, 68

Comparada, 68

Compartilhar, 11

Compreende, 120

Compreende, 120

Compreender, 37, 96

Compreendido, 59

Compreendidos, 122

Compreensão, 46

Comunitária, 46

Conceito, 120

Concentração, 13

Confesso, 68

Conhecer, 96

Conhecimento, 59

Conservacionista, 37

Consideração, 39

Considero, 69

Constituídos, 28

Construir, 94, 122

Contabilidade, 68

Contexto, 107

Contextualizado, 12

Continuada, 27

Continuada, 28

Contínuo, 27
Cor, 48
Cotidiano, 13
Criança, 68
Crianças, 70
Crítica, 12, 37, 121
Crítico, 15
Cuidar, 57
Cultivo, 12
Cultura, 12
Curricular, 81
Curriculares, 14
Currículo, 12
Curso, 84
D
Dea, 46
Decisão, 59
Dedicação, 27
Democráticas, 98
Democráticos, 37
Desafios, 13, 27
Desastres, 123
Desconforto, 13
Desejada, 122
Desencontros, 109
Desenvolvimento, 24, 82
Despertar, 12
Desvalorizada, 27
Dialogar, 96
Diferenças, 98
Diferentes, 95
Dimensões, 26
Disciplina, 12, 37, 60
Disciplinas, 14
Discutimos, 46
Disposto, 26
Diversas, 38
Diversidade, 26, 37
Docente, 25, 28
Docentes, 85

Documentos, 25

Domínio, 55

Dormir, 109

Doutora, 11

E

Edificações, 84

Educação, 11, 25, 27, 28, 39,
49, 60, 98

Educacionais, 37

Educadora, 28

Educativa, 60

Elaboração, 11

Emancipação, 37

Emancipatória, 37

Emaranhado, 48

Entender, 121

Equilíbrio, 39

Escola, 68

Escolar, 27

Escolas, 24

Espaço, 14

Espetáculo, 58

Essência, 97

Estímulos, 120

Estranhos, 38

Estrutural, 24

Estudar, 27

Evoluído, 72

Exemplo, 38

Exercício, 96

Expansão, 57

Experiência, 11

Experiência, 60

Experienciar, 38

Experiências, 26, 57, 68, 72,
97, 98

F

Familiares, 26

Famílias, 38

Fantástico, 15

Ferramenta, 71

Ficado, 70

Filha, 27

Financeiras, 121

Flexível, 11

Folhas, 59

Formação, 12, 25, 46

Formação, 25, 28

Formativas, 25

Frutíferas, 57

Fundamental, 97

Futuro, 94

G

Gangorras, 109

Gente, 48

Geracionais, 96

Graduação, 14

H

Habilidades, 47

Habitantes, 69

Heteronormativo, 38

História, 122, 123

Hoje, 70

Humana, 94

Humanização, 38

Humanos, 38

I

Idade, 71

Identidade, 47

Identitária, 38

Ideograma, 94

Ilegal, 72

Impactos, 47

Importância, 14, 49, 121

Importantes, 46

Impostos, 38

Impreterivelmente, 26

Inclusivos, 47

Indígenas, 97

Institucionalização, 25

Intenções, 24

Interações, 46, 47

Interdisciplinar, 12

Interrogações, 109

Intervenções, 107

Invisíveis, 72

Ipiaú, 85

Ipiauense, 85

Irmãos, 27

J

Janela, 14

Jornada, 60

Jornada, 60

Justapostas, 94

Juvenil, 109

L

Laboratório, 83

Laços, 109

Laje, 13

Lecionar, 27

Lembranças, 97

Licenciatura, 11

Ligações, 26

Limitações, 25, 28

Limitada, 57

Lugar, 120

Luto, 122

M

Mãe, 109

Manifestações, 13

Marcou, 71

Materiais, 122

Materialização, 81

Médio, 85

Melhoria, 12

Memórias, 11, 27, 120

Memórias, 28, 49, 98, 123

Mensagem, 13

Mestrado, 27, 59

Metodológicos, 28

Mídias, 12

Minoritários, 37

Moldando, 46

Momento, 49, 70

Momentos, 120

Moradores, 84

Movimento, 14

Mulher, 27

Multisseriadas, 27

N

Nasci, 68

Natural, 68, 96

Natureza, 25, 37, 47, 69, 96,

111

Natureza, 111

Necessidade, 12

Negado, 109

Negativo, 12

Normas, 38

Notado, 15

O

Objetivo, 71

Ocorreu, 107

Olhar, 14

Oportunidade, 58, 59

Oportunidades, 27

Orientação, 24

P

Padrão, 38

Pai, 69

Papel, 46

Participação, 107

Partir, 25

Passarinho, 70

Pausa, 14

Pautas, 107

Pedagógicos, 82

Pequeno, 12, 81

Percebidas, 26

Percepção, 12

Percurso, 49, 107

Periférico, 13

Perspectiva, 47

Pessoa, 94

Pessoal, 60

Pessoas, 38

Poética, 26

Política, 38

Políticas, 95

Políticos, 37

População, 12, 39

Possibilitar, 60

Práxis, 28

Primeira, 27

Problemas, 24

Problematização, 37

Processo, 25, 70

Produção, 83

Programa, 107

Progresso, 24

Proposta, 37, 68

Propostas, 11

Próprios, 84

Provocou, 15

Psicológica, 14

Públicas, 25

Q

Qualidade, 96

R

Raspão, 70

Real, 72

Realidade, 59

Realização, 37

Recordações, 28

Redor, 46

Reestruturados, 28

Reflexão, 37

Registros, 120

Relação, 68, 107

Relacionados, 47

Relacionamento, 69
Relativamente, 68
Representativas, 111
Respeitadas, 38
Resumo, 81
Revigorava, 14
S
Scrapbook, 60
Segundo, 14
Semente, 85
Seminário, 68
Seminários, 26
Sempre, 72
Sentimentos, 122
Silenciada, 95
Símbolo, 94
Simples, 47
Situação, 70
Situações, 26
Socializo, 15

Sociedade, 38, 47
Sociedade, 111
Sociedades, 37
Socioambientais, 15, 26
Socioambiental, 12
Socioculturais, 26
Solução, 12
T
Tecnocrática, 47
Tecnológica, 85
Televisão, 12
Totalidade, 95
Trabalhar, 12
Trabalho, 38
Trajetória, 27
Transcender, 47
Transexuais, 37
Transformação, 47
Transformar, 59
Tratamento, 71

Travestis, 38

U

Urbano, 13

V

Valores, 47

Válvula, 14

Vasos, 109

Vegetações, 13

Vento, 109

Vertiginosamente, 107

Vida, 49

Violências, 38

Visão, 28

Vítimas, 123

Vivência, 72

Vivenciadas, 95

Vivências, 11

Voltada, 94

Vulnerabilidade, 39

Z

Zootecnia, 84

